

Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci

Katedra romanistiky

Studijní rok 2010/2011

O desenvolvimento e a especificidade de crioulo de São Tomé

The development and the specificity of the Creole of São Tome

*Bakalářská práce 3. ročníku bakalářského studia
portugalské filologie*

Anna Janáčková

Vedoucí práce: **Mgr. Petra Svobodová**

Olomouc 2011

Prohlášení

Prohlašuji, že jsem svou bakalářskou práci vypracovala samostatně a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci dne 29. června 2011

Anna Janáčková

Declaração

Eu declaro que eu escrevi o meu trabalho de licenciatura individualmente e que citei toda bibliografia e outras fontes que eu utilizei.

Em Olomouc, no dia 29 de junho 2011

Anna Janáčková

Agradecimento:

Eu queria sinceramente agradecer a Mgr. Petra Svobodová para o seu conselho, tempo e esforço valioso.

Índice

Introdução	6
1. História social da ilha de São Tomé em relação à linguagem	9
1.1 Primeira época – primeiros contactos e formação do pidgin	12
1.2 Segunda época – colonização sistematizada e formação de crioulo	15
1.3 Terceira época – maior autonomia e formação do crioulo Angolar	17
1.4 Quarta época – instabilidade da ilha e predominação do substrato africano	21
1.5 Quinta época – resumo dos eventos históricos até actualidade	25
2. Problemática da situação linguística de São Tomé	31
2.1 Situação linguística actual.....	31
2.1.1 Português.....	31
2.1.2 Língua dos Tongas	32
2.1.3 Santome.....	34
2.1.4 Angolar	35
3. Problemática de crioulo de São Tomé	38
3.1 Classificação geográfica de crioulo de São Tomé.....	38
3.2 Classificação linguística de crioulo de São Tomé	40
3.3 Características gerais de crioulo	43
3.3.1 Evolução de crioulo	43
3.3.2 Características linguísticas ao nível de fonética.....	44
3.3.3 Características linguísticas ao nível de morfologia	45
3.3.4 Características linguísticas ao nível de lexicosemântica	46
3.3.5 Características linguísticas ao nível de sintaxe	47
3.4 Características de crioulo de São Tomé.....	49
3.4.1 Os traços do crioulo no Santome.....	49
3.4.1.1 Características linguísticas ao nível de fonética.....	50
3.4.1.2 Características linguísticas ao nível de morfologia	52
3.4.1.3 Características linguísticas ao nível de lexicosemântica	54
3.4.1.4 Características linguísticas ao nível de sintaxe	54
3.4.2 A especificidade de crioulo de São Tomé.....	55
Conclusão	61
English summary	63
Resumé v češtině.....	65
Anotace.....	67
Bibliografia	68
Anexo 1.....	70
Anexo 2.....	71
Anexo 3.....	72
Anexo 4.....	73

Introdução

No meu trabalho queria aproximar e apresentar o tema da problemática do crioulo de São Tomé ao público, porque ainda hoje em dia não é muito trabalhado nem estudado, comparando com outros crioulos de base lexical portuguesa, e, portanto, não está bem consagrado na consciência pública.

Apesar de tudo, o crioulo de São Tomé é específico no âmbito de crioulos de base lexical portuguesa e difere-se de outros crioulos em ser um crioulo de base portuguesa com o maior complemento africano que se conservou não só no léxico, mas também na gramática. Aí surge uma questão, porque a língua portuguesa não tem tanta influência na linguagem como é no caso de outros crioulos? Onde perdeu a sua superioridade? E ao contrário, porque as línguas africanas ganharam maior parte na formação e desenvolvimento do crioulo de São Tomé, comparando com outros crioulos de base lexical portuguesa, até que os seus traços manifestaram-se na forma contemporânea do crioulo de São Tomé?

Para responder essas perguntas, considero necessário de apresentar o desenvolvimento do crioulo de São Tomé do ponto de vista histórico-social desde o descobrimento da ilha até a situação actual. Portanto, o meu trabalho baseia-se no contexto histórico-social e linguístico da ilha de São Tomé. É necessário dizer que apesar de São Tomé fazer parte de um estado, República democrática de São Tomé e Príncipe (desde 1975 quando ganhou a independência a Portugal), concentro-me apenas na ilha principal dessa República, em São Tomé. A razão é seguinte: o crioulo de São Tomé surgiu apenas na ilha de São Tomé e quanto á ilha de Príncipe, ali surgiu outro crioulo de base portuguesa. E portanto, a ilha de Príncipe não é importante em relação ao desenvolvimento do crioulo São de Tomé. Entre outros, este facto revela-se principalmente no primeiro capítulo, onde tento dar apenas algumas informações sobre a ilha de Príncipe, que são importantes no contexto são-tomense.

Continuando a reflectir as características do crioulo de São Tomé, podemos dizer que o crioulo de São Tomé não é só específico, mas também problemático. Além de questão discutiva como definir crioulo do ponto de vista linguístico, o que afinal toca todos os crioulos em geral, temos que enfrentar a situação linguística complicada que domina na ilha. Porque além do crioulo de São Tomé, existe também o crioulo Angolar que surgiu mais tarde na ilha de São Tomé, junto com a língua portuguesa e ainda outras línguas.

Aí surge uma questão, qual é na realidade o estatuto do crioulo de São Tomé, que vai ser respondida no segundo capítulo.

Chegando à estrutura do meu trabalho, dividi o meu trabalho em três capítulos principais. No primeiro capítulo queria descrever a história social da ilha de São Tomé mais detalhadamente em relação à linguagem, porque segundo a minha perspectiva os dados histórico-sociais são necessários para percebermos como as línguas na ilha de São Tomé surgiram, como se misturam e por que razões, e qual foi o desenvolvimento das línguas em relação à situação social e política. Este capítulo devia explicar-nos a composição da população não só contemporânea, mas também durante os séculos quando se formavam os crioulos na ilha de São Tomé; as causas e as consequências das migrações da população da ilha, que tinham influência, além da composição da população, nas línguas, que hoje em dia ocorrem na ilha. Por causa da falta da bibliografia, queria mencionar que nesse capítulo vou tirar as informações de duas fontes principais: trata-se de um livro de Luiz Ivens Ferraz¹ e Jan Klíma².

No que diz respeito ao segundo capítulo, aí queria apresentar a situação linguística contemporânea na ilha de São Tomé, quer dizer dar os dados principais sobre as línguas faladas aí hoje em dia como por quanta e qual população são faladas, em que situações etc. Mas além disso queria também tentar prever o futuro de cada língua no sentido de existência futura; se há uma possibilidade de uma fusão com outra língua falada na ilha ou uma possibilidade de desaparecer. Contudo, temos que compreender que falamos sobre um país africano do Terceiro Mundo que era para muitos séculos sob governo português e sob uma influência grande da língua portuguesa que tem demorado até hoje. O multilinguismo que surgiu na ilha durante os séculos e tem permanecido até hoje é um assunto problemático que caracteriza a situação linguística na ilha de São Tomé.

Depois de uma apresentação da situação linguística que domina na ilha, queria concentrar-me no crioulo de São Tomé a qual é dedicado o terceiro capítulo. Queria dividir este capítulo numa parte mais teórica, onde vou dar algumas definições e alguns dados sobre o crioulo em geral e numa parte mais prática, onde vou demonstrar essas características no texto no crioulo de São Tomé para descobrir se se tratar mesmo de um crioulo ou não.

¹ Ferraz, L. I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press 2001.

² Klíma, J. *Stručná historie států – Kapverdské ostrovy, Svätý Tomáš a Princův ostrov*. Praha: Libri 2008.

Portanto, no início vou classificar geograficamente o crioulo de São Tomé no âmbito dos crioulos de base lexical portuguesa para dar uma visão ao leitor sobre os crioulos de base portuguesa existentes. Contudo, a problemática do crioulo de São Tomé, como se chama esse capítulo, surge no campo da linguística. Uma questão básica é se mesmo podemos designar o crioulo de São Tomé como crioulo ou não. E, portanto, vou mostrar as duas atitudes ao crioulo de São Tomé de ponto de vista linguístico e social: o campo dos linguístas e o campo dos falantes, os são-tomenses. Vamos encontrar os termos linguísticos e as suas definições como o que é dialecto, língua e crioulo, que pertencem aos conceitos chaves desse trabalho. Ainda no campo teórico queria continuar com as características gerais de um crioulo, concentrando-me mais nas características gerais aos níveis de várias disciplinas linguísticas.

Chegando ao campo prático, queria documentar que se trata mesmo de um crioulo através de uma busca dos traços de crioulo no texto no crioulo de São Tomé.

Ao fim, vou tentar demonstrar a especificidade do crioulo de São Tomé via comparação com o crioulo de Cabo Verde, que é conhecido como o mais próximo à língua portuguesa, através de três variantes de um texto: são-tomense, caboverdiana e portuguesa.

1. História social da ilha de São Tomé em relação à linguagem

A época dos Descobrimentos (do século XV até o início do século XVII) é considerada um pico da glória portuguesa, em que Portugal tornou-se uma potência mundial. A expansão portuguesa começou em 1415, quando Ceuta, um terreno estratégico para as expedições na África Setentrional, foi relativamente facilmente conquistada pela expedição de D. João I (1385-1433). Logo depois as caravelas portuguesas, sob a direção de Tristão Vaz Teixeira (1395-1480), abordaram no litoral da ilha de Madeira (1419) e depois de oito anos Diogo de Silves com a sua tripulação descobriu o arquipélago de Açores (1427). Contudo, em 1434 os marinheiros portugueses circunvagaram o Cabo Bojador, com que começou a colonização da África. Os portugueses, deputados pelo rei D. Afonso V (1438-1481), navegaram ao longo da costa africana e continuaram a sua viagem rumo ao Sul, mais propriamente, ao Golfo da Guiné. Assim chegaram em 1446 a Guiné-Bissau e depois de dez anos descobriram o arquipélago Cabo Verde.³

Esses territórios foram colonizados à base de uma tática política, inventada pelo navegador eminente Afonso de Albuquerque⁴ (1453-1515). No início os portugueses começaram a construir as fortalezas comerciais, designadas como feitorias e comerciavam com os nativos em troca de especiaria. Porém, depois de tempo eles testificaram que fosse mais vantajoso incitar dois tribos contra si, a seguir ajudar a um e aproveitar do prémio.

Quanto à questão social, a Coroa Portuguesa suportou os casamentos entre os portugueses e os nativos. Uma razão era uma necessidade de povoar as ilhas e segunda era atrair os portugueses para empreenderem as viagens expansivas. Portanto aqueles que casaram, muitas vezes ficavam nas colónias e não voltaram para terra materna, o que em meados do século XV causou uma depopulação de Portugal.

³ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos [cit. 27.6.2011]

⁴ “[Afonso de Albuquerque foi] nomeado *O Grande, César do Oriente, Leão dos Mares, o Terrível e o Marte Português. Principalmente, tomou conta de estabelecimento do império português no Oriente.*” Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_de_Albuquerque [cit. 27.6.2011]

Em relação à administração dos novos terrenos descobertos, tratava-se de vice-reinos, divididos em capitães⁵, com a capital, que era um centro político e militar. A cabeça de vice-reino era um governador, que foi denominado pelo rei português.

Continuando com as viagens marítimas ao Sul na esperança de atingir Índia, a caravela comandada por João de Santarém e Pêro Escobar saiu em 1471 da Costa da Mina, actualmente costa do Gana, e no dia de 21 de Dezembro em 1471 os portugueses, inesperados, deram à costa da ilha verde. Simplicemente a ilha estava no caminho ao périplo da África e os marinheiros já não esperavam que iam encontrar um arquipélago no Golfo da Guiné. Não obstante, designaram a ilha verde Ilha de São Tomé segundo o nome de patrono daquele dia.⁶

Quando os marinheiros portugueses atingiram à costa das ilhas de São Tomé e Príncipe, os portugueses instalaram a mesma política de colonização, que já era adaptada nos territórios descobertos anteriormente. Contudo, no início a ilha era desabitada. Por outro lado, as intenções comerciais do rei português João II (1481-1495) junto com o intensivo comércio dos escravos, forçaram o rei a povoar a ilha com os portugueses, na maioria dos casos indesejados como os criminosos ou os judeus, e com os estravos trazidos das áreas de Benim e Reino de Kongo, que não continuaram a sua viagem inferna à Fortaleza de São Jorge da Mina⁷, que funcionou como um novo entreposto africano de compra de escravos na África Ocidental⁸.

Com o tempo a ilha ganhou a sua importância na plantação e cultivo dos produtos da terra típicos do clima trópico, tais como a cana-de-açúcar, café e cacau. Este facto causou um afluxo de nova população para a ilha, nomeadamente os comerciantes portugueses junto com a massa dos escravos para trabalharem nas plantações.

Na altura da escravatura a ilha funcionou como uma estação importante de tráfico de escravos graças à sua posição vantajosa. Muitas vezes aconteceu que estes escravos vindos de diferentes partes de África acabaram por ficar na ilha, tornando-se desta

⁵ Trata-se de um cargo militar ou administrativo. De <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o> [cit. 27.6.2011]

⁶ Klíma, op.cit. p. 114.

⁷ Trata-se do Castelo de São Jorge da Mina, também designado como *Mina*, que se localiza na atual cidade de Elmina, no Gana, no litoral da África Ocidental. Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_S%C3%A3o_Jorge_da_Mina [cit. 21.11.2010]

⁸ De <http://www.eumed.net/libros/2008a/372/TRAFICO%20DE%20ESCRAVOS.htm> [cit. 28.6.2011]

forma a base africana para a sociedade são-tomense. Ao nível da língua, foram eles que deram o substrato⁹ africano às línguas faladas na ilha de São Tomé.

Chegando à história de São Tomé, isto é o desenvolvimento mais antigo da ilha, a história social pode dividir-se em quatro épocas segundo a sua importância para a formação e o desenvolvimento do crioulo de São Tomé. Concretamente, na primeira época falamos sobre os primeiros contactos da língua portuguesa com várias línguas africanas e uma formação do pidgin. Na segunda época o pidgin criouloizou-se e já falamos sobre a formação do crioulo. A terceira e a quarta época são dedicadas já ao desenvolvimento do crioulo, em diferença que na terceira época tomou o crioulo a sua base na língua portuguesa, cuja influência predominou, mas na quarta época a língua portuguesa perdeu a sua superioridade e, portanto, as línguas africanas tinham nesse período praticamente única influência ao crioulo.

Esse distribuição foi inventada por Luiz Ivens Ferraz que foi um linguísta e investigador na área de crioulos de Golfo de Guiné, concretamente crioulos de São Tomé¹⁰ e eu vou apoiar-me nela porque a considero exactamente distribuindo as características chaves para a história do crioulo de São Tomé na história social da ilha.

Feraz inclui na sua divisão só o período entre 1485 e meados do século XVII, tendo em consideração que esta época foi a principal para o surgimento e o desenvolvimento do crioulo na ilha de São Tomé. Nessa altura temos o primeiro contacto das línguas africanas com o português, o acréscimo da influência da língua portuguesa, o contacto com os holandeses e franceses que afinal não deixaram nenhuma reminiscência do ponto de vista linguístico e o surgimento do substrato africano que está sempre presente nas línguas faladas hoje em dia. Por causa disso essa fase é muito importante do ponto de vista socio-linguístico e merece atenção especial. O que aconteceu depois de meados do século XVII já não tem grande influência para mudar acentuadamente a base do crioulo de São Tomé. Por causa disso vou mencionar só abreviadamente os eventos que tiveram ou não tiveram alguma relação com a linguagem num só subcapítulo do meu trabalho.

Cada etapa contém um período que é específico no ponto de vista da formação das línguas na ilha de São Tomé, como já mencionei anteriormente.

⁹ O termo linguístico *substrato* significa “uma língua falada pelo grupo socialmente dominado em circunstâncias e situações de pidginização ou de criouloização.” De <http://pt.wikipedia.org/wiki/Substrato> [cit. 28.6.2011]

¹⁰ Ele escreveu o seu livro *The creole of São Tomé* na base da sua própria investigação, da viagem a São Tomé e Príncipe que se realizou de Dezembro 1969 a Fevereiro 1970.

A primeira época contém as primeiras tentativas do povoamento e sobretudo o primeiro contacto da língua portuguesa com as línguas africanas que é fundamental para a formação de crioulo ou de pidgin de Golfo de Guiné.

A segunda época contém uma imigração obrigatória dos grupos escolhidos dos portugueses. Mas na minha opinião o principal assunto dessa etapa é um desenvolvimento da plantação e cultivo de cana-de-açúcar que causou um afluxo dos escravos africanos e também dos portugueses para a ilha. Do ponto de vista da linguagem a quantidade de línguas africanas subiu e as circunstâncias quotidianas obrigaram mais os colonizadores bem como os escravos a comunicar entre si.

Na terceira época chega-se à mistura entre o povo branco e preto e já não há nenhuma imigração massiva dos portugueses. Forma-se a população são-tomense e nasce o crioulo Angolar, veja subcap. 2.1.4.

Na quarta etapa ocorrem as invasões dos franceses e holandeses que pelo tempo curto passado na ilha não deixaram nenhum traço na linguagem. Mas as consequências da sua invasão junto com as revoltas dos escravos causaram a emigração massiva dos portugueses da ilha. Assim no ponto de vista linguístico o substrato africano predominou no crioulo de São Tomé.

Na quinta etapa resume-se abreviadamente, até o tempo actual, o resto da história social de São Tomé.

1.1 Primeira época – primeiros contactos e formação do pidgin

A primeira época começa com as primeiras tentativas de povoamento em 1485 e acaba em 1492, no ano antes do início do povoamento sistemático da ilha.

Em 1485 a ilha foi dividida ao meio entre João de Paiva e a sua filha Maria de Paiva como os possesores da ilha pela ordem do rei português João II (1481-1495). No mesmo ano João II garantiu também algumas vantagens para os futuros habitantes da ilha. Entre outras coisas foi aconselhado cultivar a cana-de-açúcar proveniente da Madeira e foi permitido aos habitantes fazer o tráfico com os escravos¹¹.

O tráfico dos escravos rapidamente se começou a desenvolver por causa de mão-de-obra necessária para trabalhar nas plantações nos países africanos novamente descobertos. Graças à sua posição vantajosa no Golfo de Guiné, a ilha São Tomé ganhou a sua importância no tráfico dos escravos. Essa declaração é confirmada pelo

¹¹ Klíma, op. cit. pp. 114-115.

cronista português João de Barros¹² que em 1486 escreveu que São Tomé funcionou como uma estação provisória para os escravos que foram trazidos de Enseada do Benim e do Reino de Congo e para quem a última estação foi Mina na costa africana.

A maior tentativa de povoamento da ilha feita por João Pereira ao serviço de João de Paiva encalhou em 1487, quando a expedição de Portugal desembarcou na costa nortedestina e por causa das doenças tropicais e febres, de uma densidade do matagal, do calor e da humidade, os portugueses tinham que voltar a Portugal como os pobres, porque o que eles tinham tido, perderam.¹³ Apesar de não ser bem sucedida, podemos pressupor que na ilha já havia provavelmente uma população que já estava no processo do desenvolvimento¹⁴. Porque nesse tempo a ilha de São Tomé era um porto frequente para muitos navios e sobretudo era um porto comercial cuja mercadoria principal foram os escravos. Isso significa que pelo menos os portugueses que estavam na estação de tráfico e nas actividades relacionadas com isso já se tinham estabelecido na ilha. Também podemos pressupor que nem todos escravos das áreas de Benim e Congo que foram trazidos para a ilha continuaram a sua viagem para Mina e em vez disso ficaram.

Portanto podemos ver, que já no âmbito da primeira época começavam a viver na ilha tanto os portugueses como os negros de que se resulta uma necessidade das primeiras tentativas do entendimento de ambos os lados. Forma-se, então, uma base de crioulo futuro: o português como a língua dos colonizadores começa a misturar-se com as línguas dos escravos aborígenes. Porquanto o substrato africano afinal vai predominar na língua, é importante mencionar de onde os escravos chegaram a São Tomé para ser claro, que não se trata apenas de uma língua africana, mas que se trata de mais línguas.

Havia duas grandes áreas de onde os escravos foram levados: a região de Congo-Angola onde se falava as línguas Bantu, e de Enseada do Benim onde se falava as línguas Kwa.¹⁵ Porém, é necessário dizer que estas línguas pertencem à mesma família linguística, nomeadamente à nigério-congolesa (veja a Mapa 1). Estes ramos da família nigério-congolesa ainda tinham muitos dialectos, só que apenas os traços de dois grupos

¹² Ferraz (Ferraz, op. cit. p.15) remete a Brásio (Brásio, A. *Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental*. Lisbon, Agência Geral do Ultramar 1952.) quem remete a João de Barros.

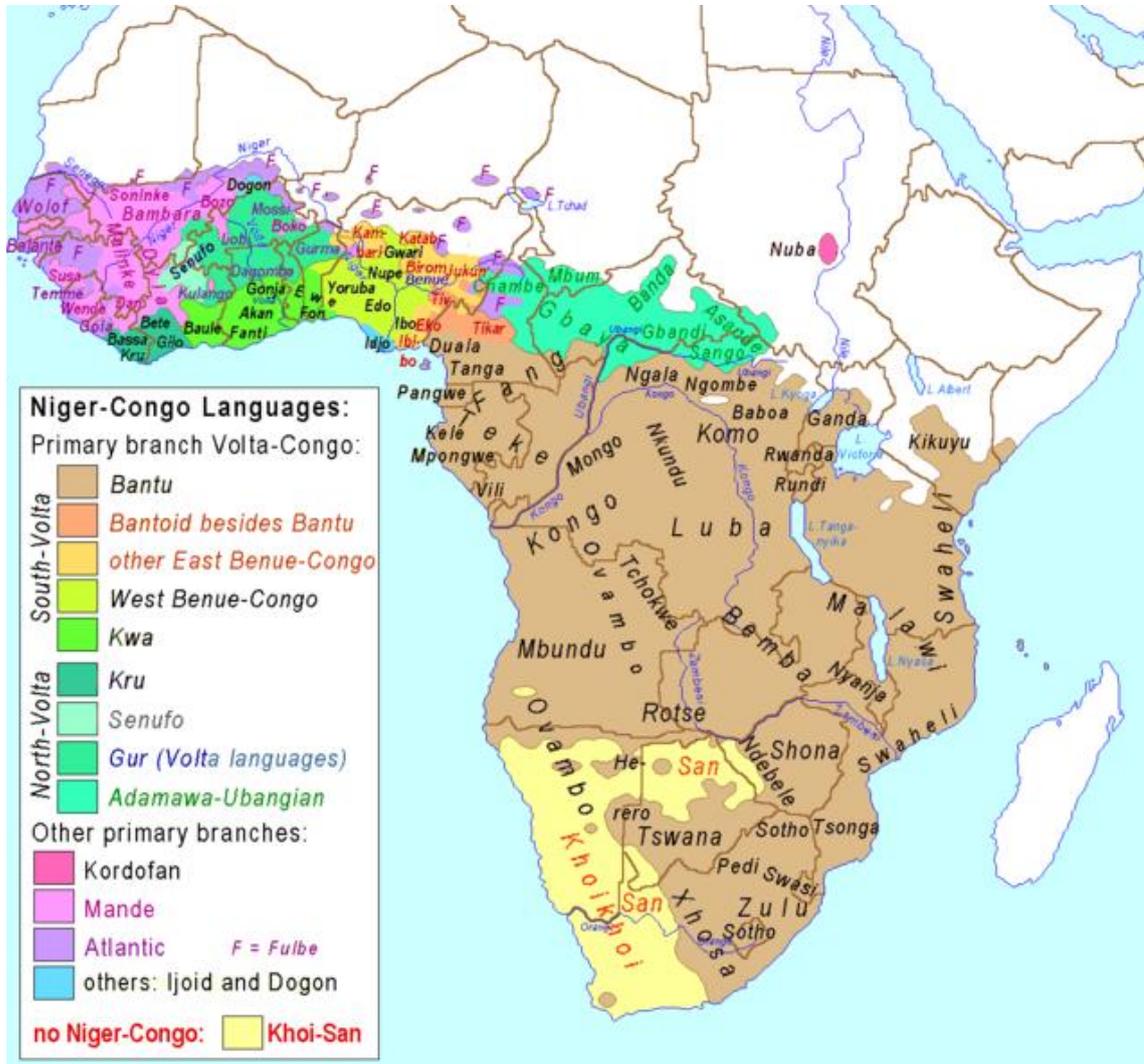
¹³ Klíma, op. cit. p. 115.

¹⁴ Ferraz, op. cit. p. 15.

¹⁵ Idem, pp. 12-13.

das línguas mencionando se conservaram no crioulo de São Tomé e com eles surgiu uma base da influência africana à linguagem.

Mapa 1. *As línguas da família linguística nigério-congolesa.*¹⁶



Na área de Bantu, no antigo Reino do Congo falava-se Kishikongo e Kimbundu que foram os dialectos de Kikongo¹⁷. Kishikongo foi e ainda é um ramo de Kikongo falado na capital São Salvador do Congo, hoje a capital da província do Zaire em Angola chamado M'Banza Kongo¹⁸. Kimbundu, conhecido também como Ndongu, foi a língua do Reino de Angola situada ao sul do Reino de Congo.¹⁹

¹⁶ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Niger-Congo_map.png [cit. 28.6.2011]

¹⁷ Kikongo e a língua de Kongo (Ferraz, op. cit. p.13) designam mesma coisa.

¹⁸ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/M%27Banza_Kongo [cit. 22.1.2011]

¹⁹ Ferraz, op. cit. p. 13.

Na área de Kwa, a língua do Reino do Benim, havia dialecto Bini, também conhecido como Edo.²⁰

Assim podemos ver, que o português foi na ilha de São Tomé influenciada não só por uma, mas pelo menos por duas línguas africanas e até mais num número desconhecido dos dialectos.

Em conclusão, nessa época da história social chega-se ao primeiro contacto dos falantes de português com os falantes das várias línguas africanas, mencionadas no parágrafo acima. Este facto é chave e mesmo importantíssimo para a formação e o desenvolvimeto de crioulo original²¹. Crioulo é além do mais, do ponto de vista socio-histórico, uma forma especial de contacto entre línguas²². Do ponto de vista linguístico aqui começa a primeira fase de crioulo que chamamos pidgin, veja subcap. 3.3.1.

1.2 Segunda época – colonização sistematizada e formação de crioulo

A segunda época é muito mais bem sucedida e intensiva do ponto de vista de povoamento. O que é importante é que nessa época se formou a primeira geração são-tomense e foi dada a origem à primeira actividade económica da ilha, que foi a produção de açúcar. A segunda época começa em 1493, quando Álvaro de Caminha foi nomeado chefe de capitania e graças a ele chegou ao povoamento bem sucedido, com que começou a colonização da ilha. Termina aproximadamente no início do século XVI antes do ano 1515 quando o rei português D. Manuel I publica a lei que dá liberdade aos mulatos.

No início da década de 90 do século XV o comércio com África Ocidental prosperou e ainda mais se desenvolvia. Esse facto provocou a ideia que a ilha tem que ser povoada. Portanto além da nomeação de Álvaro de Caminha, que devia garantir o que não tinha conseguido o seu precursor João de Paiva, em 1493 o rei de Portugal D. João II (1481-1495) deu uma ordem para levar os filhos mais novos (entre dois a dez anos) das famílias judias junto com os degredados para São Tomé. As crianças judias foram antes do embarque batizadas e a sua “tenção” consistiu em apenas colonizar a ilha (os seus pais foram vendidos como escravos). Contudo, a sua fé tinha que estar muito forte, porque os seus descendentes ainda vivem na ilha e conservam alguns costumes

²⁰ Ferraz, op. cit. p. 13.

²¹ Pelo conceito *crioulo original* entende-se segundo Ferraz *São Tomense*.

²² Pereira, D. *Crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Caminho 2007, p.13.

judaico²³. Porém, dessa maneira a área hoje chamada a Baía de Ana de Chaves tornou-se o centro da colonização.²⁴

Para ainda esforçar o povoamento da ilha, a todos os homens brancos foi dada uma escrava preta. Este passo apenas confirma a característica geral do modelo português de colonização para que são típicos entre outras coisas os casamentos e a mistura dos portugueses com os africanos, veja mais o início do capítulo um, quando se fala sobre a colonização portuguesa.

Referindo-se à população preta, Álvaro de Caminho teve o privilégio real de importar os escravos dos centros da escravatura na costa africana ocidental. Dessa maneira de 1080 escravos chegaram 920 a São Tomé. Esses escravos foram de Enseada do Benim onde se falava as línguas kwa.²⁵

A situação na agricultura também contribuiu para o povoamento rápido da ilha. De todas plantas que foram trazidas, apenas a cana-de-açúcar trazida pelos colonos madeirenses (chamados moradores) se cultivou bem. Para o trabalho nas plantações de açúcar foram levados os escravos da costa africana, principalmente do reino de Congo e da Costa da Mina.²⁶ Em 1506 Valentim Fernandes, um impressor alemão que divulgou as novidades das navegações portuguesas²⁷, escreveu que na ilha há aproximadamente 2000 escravos empregados na agricultura e em outras áreas.²⁸

No conjunto Álvaro de Caminha atingiu os resultados na sua missão de povoar a ilha. Graças a importação do povo forçada na maioria dos casos, no início do século XVI começou a nascer a primeira geração dos habitantes da ilha formada pelos judeus e cristãos, pretos e brancos.²⁹

Do ponto de vista da linguagem, a cultura de cana-de-açúcar e o trabalho nas plantações aprofundou maior necessidade da comunicação entre os portugueses e os africanos de várias origens, culturas e línguas. Assim todos factos significaram maior urgência comunicativa, a regular chegada, a permanência e o trânsito de escravos criaram as condições favoráveis à nativização do pidgin. Formou-se o crioulo original

²³ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus_em_Portugal [cit. 28.6.2011]

²⁴ Klíma, op. cit. p. 115.

²⁵ Ferraz, op. cit. p. 17.

²⁶ Mata, I. *Polifonias insulares. Cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Colibri 2010, p. 15.

²⁷ Acessível de <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/f00.html> [cit. 25.1.2011]

²⁸ Ferraz (Feraz, op. cit. p. 17) remete a Brásio (Brásio, op. cit.)

²⁹ Klíma, op. cit. p. 116.

da ilha de São Tomé, isto é um crioulo na base da língua portuguesa, da língua dos colonizadores.³⁰

1.3 Terceira época – maior autonomia e formação do crioulo Angolar

A terceira época começa no início do século XVI e acaba em 1566, isto é um ano antes da invasão dos corsários franceses a São Tomé com a qual começou uma onda de agitações na ilha que no final causaram uma desagregação social.

Essa época houve um desenvolvimento e um progresso da economia de São Tomé e do ponto de vista social uma formação de um grupo liberal no âmbito da população africana.³¹

Como já mencionei no subcap. 1.2, no início do século XVI a população da ilha era muito variada e o número dos escravos africanos subia com grande rapidez. Mas nem eles bastavam para o crescente trabalho nas plantações e assim a procura permanente de mão-de-obra levou os funcionários a obrigar os mulatos a aceitar o estatuto de ser um escravo injusto. Uma afluência das queixas dos mulatos e dos seus pais brancos à corte lisboeta juntamente com a falta das pessoas, obrigaram o rei Manuel I em 1515 a um reconhecimento e uma garantia da liberdade para as escravas que casaram com os colonos e também para a sua descendência.³² Dois anos depois a liberdade foi dada também aos escravos masculinos chegados à ilha no tempo do governo do rei João II e à sua descendência.³³

Do ponto de vista social dessa maneira os mulatos ganharam a liberdade não só para eles mas também para as gerações futuras.

Do ponto de vista socio-linguístico os casamentos entre os africanos e os portugueses fizeram com que estes portugueses trouxessem a base portuguesa ao léxico de crioulo que estava na fase de desenvolvimento.³⁴ É lógico, porque nesses casos a intenção da influência da língua portuguesa era maior por causa dos contactos quase quotidianos dos falantes, do que nos casos duma comunicação concisa necessária entre um colonizador e os seus escravos que decorreu poucas vezes.

³⁰ Acessível de <http://stomep.com/educa/jornal4/O%20Crioulo%20Foro.htm> [cit. 25.1.2011]

³¹ Ferraz, op. cit. p. 17.

³² Klíma, op. cit. p. 116.

³³ Ferraz, op. cit. p.17.

³⁴ Ibidem.

Referindo-se ao português podemos mencionar que os mulatos, ou seja os filhos dos casais misturados, podiam falar além do mais português por ser a língua materna da mãe ou pai e porque, do ponto de vista social, foram liberais e podiam ter as mesmas profissões dos brancos, estando de vez em quando em contacto com os portugueses. Essa ideia é também confirmada num sumário das fontes históricas que Ferraz menciona. Concluindo, ele diz que é provável que “os africanos livres possam falar português e sem dúvida eles também tinham falado crioulo que formou uma parte da sua origem”³⁵.

Por outro lado as condições da vida dos escravos pioraram ainda mais e a única lei que valeu foi a lei do mais forte, isto é a dos colonizadores e dos brancos chegados da nova onda da imigração branca. Nessa altura um colonizador tinha por volta de 300 escravos que trabalharam 6 dias por semana e para evitar as rebeliões possíveis, os escravos foram permitidos a viver em famílias que antigamente era inaceitável, o que bastou para conservar a calma social.³⁶ Isso somente confirma que nessa época a base da economia e a sobrevivência da ilha consistiu no tráfico dos escravos e na escravatura. Porque se falarmos sobre o fabrico de açúcar, certamente podemos dizer que sem escravos, como os únicos trabalhadores nas plantações de cana-de-açúcar, não existiria cultura e produção de açúcar.

Por causa de dificuldade de fazer valer os interesses reais enquanto a ilha estava no poder senhorial, em 1524 o rei D. João III (1521-1557) promulgou a carta de foral³⁷ que designou que a ilha de São Tomé se erigiu em concelho com autonomia municipal, o que significou uma simplificação de fazer valer a autoridade real na ilha. Dessa maneira a ilha se constitui a parte do estado do império português com domínio e jurisdição exclusivas da Coroa Portuguesa.³⁸

Para a cultura da população tanto liberal como dos escravos do ponto de vista espiritual, em 1534 o papa Paulo III (1534-1549) nomeou Diogo Ortiz de Vilhegas o primeiro bispo na ilha São Tomé.³⁹ A Igreja era a componente da ligação entre os brancos, mulatos e pretos do ponto de vista da reunificação pelo menos de espírito da população são-tomense.

³⁵ Ferraz, op. cit. p. 18.

³⁶ Klíma, op. cit. pp. 117 – 118.

³⁷ O conceito foral explícito de http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Foral [cit. 30.1.2011]

³⁸ Klíma, op. cit. p. 118.

³⁹ Ibidem.

O facto que São Tomé ser nessa altura uma ilha próspera confirma também um evento do ano 1535, quando a colónia principal e mais velha na Baía de Ana de Chaves, estabelecida por Álvaro de Caminha ganhou um estatuto de cidade que significou os privilégios iguais que tinham as cidades portuguesas.

Uma rotura chegou com o descobrimento do Brasil em 1500, cujas consequências redundaram a ilha no segundo terço do século XVI. O interesse da Coroa Portuguesa voltou-se ao oeste, isto é ao novo império descoberto, e ao leste. Essa diminuição do interesse dos portugueses nas ilhas no Golfo da Guiné significou não só para a ilha de São Tomé uma necessidade de tomar conta de si. A ilha acabou por ser o país para os novos desterrados de Portugal, porque a lei de 1535 impôs a pena de desterro ao Brasil em vez de São Tomé.⁴⁰

Este facto também contribuiu para a outra estabilização e unificação da população são-tomense. O povo que ficou viver aí começou a unificar-se na área da cultura, religião e da língua. Por outras palavras, começou-se a misturar-se os elementos africanos com os elementos portugueses, predominando os elementos africanos graças ao grande número de escravos africanos. Os brancos foram em minoria. Isso confirma também o número predominante dos mulatos que em 1546 atingiram a igualdade com os brancos.⁴¹

Entre os anos 1545 e 1547 um barco escravizador que navegou da costa angolana para o Brasil naufragou perto da costa são-tomense chamada Sete Pedras. A equipagem branca não sobreviveu, mas os negros que sobreviveram arraigaram-se na costa meridional da ilha, na beira da angra chamada Angra de São João.⁴² Eles fundaram uma comunidade fechada e independente no outro lado da ilha, bem longe da influência portuguesa. Isso facilitou uma conservação e um desenvolvimento da sua língua e da cultura com os seus costumes sem nenhuma influência de fora. Hoje em dia falamos sobre os angolares, cuja denominação é ligada com o lugar da sua origem; a palavra ngola na língua de Kimbundu designa Angola. Contudo, nessa fase trata-se de uma língua Bantu, que se torna mais tarde crioulo (designado Angolar), quando chegar ao contacto não só com os portugueses, mas também com outros habitantes da ilha.⁴³

⁴⁰ Klíma, op. cit. p. 118.

⁴¹ Idem, p. 118-119.

⁴² Idem, p. 119.

⁴³ Ferraz, op. cit. p. 8-9.

Angolar é o segundo crioulo falado na ilha de São Tomé e é provável que seja mais perto do crioulo original, porque do ponto de vista das razões geográficas estabeleceu-se na área desabitada e assim isolada de quaisquer pressões e influências de fora, concretamente não se misturou com as outras línguas africanas nem com português nem com outro crioulo. Os angolares viveram muito tempo independente dos outros e sem nenhuma escravatura, veja mais no subcap. 2.1.4.⁴⁴

Como já mencionei eles vieram da costa angolana, ou seja da área do antigo reino do Congo onde se falavam as línguas bantas. Portanto a base do substrato africano no crioulo do Angolar é considerada nas línguas bantas, concretamente falamos sobre os dialectos o Kimbundo e o Kikongo.

Assim concluindo o desenvolvimento dessa época, do ponto de vista social criou-se uma comunidade liberal dos mulatos que construíram o núcleo natural da sociedade são-tomense e a população continuou no processo da estabilização e unificação.

Do ponto de vista da economia no meio do século XVI a base da sobrevivência da ilha foi constituída pelos engenhos e a produção de açúcar junto com a escravatura e o tráfico dos escravos sempre mais desenvolvido.

Do ponto de vista linguístico podemos dizer que essa época já declara e marca uma declinação da influência e da superioridade da língua portuguesa. Este facto é causado pela situação política e social. Os mulatos ganharam a sua liberdade em prejuízo dos brancos que perderam passo a passo os seus privilégios que lhes salvaguardaram algumas vantagens e certa superioridade na ilha. Outra coisa foi que o número dos brancos começou a ser estável por causa de estagnação das chegadas dos portugueses à ilha na terceira década do século XVI e por outro lado o elevado número dos escravos africanos até avigorou graças à plantação de sucesso sobretudo da cana-de-açúcar.

Então podemos constatar que em relação ao crioulo as línguas africanas começaram a ganhar a sua predominação na gramática de crioulo, mas não podemos esquecer, o que sempre valeu, que no léxico e parcialmente na fonologia de crioulo, foi a língua portuguesa cujas características foram dominantes. É lógico, porque o que era mais importante para a comunicação entre os escravos e colonizadores ou para simplesmente dizer o que é que é preciso, eram as palavras individuais com os gestos. Não era necessário formar toda frase. Por causa disso as palavras necessárias para sobrevivência como “água”, “fome”, “andar”, “dar”, “eu” etc. tinham que ser compreensíveis para

⁴⁴ Ferraz, op. cit. p. 9.

ambos os lados. A influência das línguas africanas manifestou-se mais propriamente na composição da frase quer dizer na sintaxe, na morfologia e parcialmente na fonologia de crioulo principalmente quando os escravos comunicaram entre si.

Essa época também trouxe uma formação de crioulo do Angolar, o segundo crioulo falado na ilha de São Tomé e com isso uma colonização de outra parte da ilha pelos angolares.

1.4 Quarta época – instabilidade da ilha e predominação do substrato africano

A quarta época é datada desde 1567 quando os corsários franceses invadiram a São Tomé e essa invasão provocou uma onda de agitações e rebeliões na ilha. Em relação à finalização dessa época, estou em desacordo com Ferraz. Porque segundo ele a quarta época acaba em 1644 quer dizer três anos depois da conquista da ilha pelos holandeses e ainda quatro anos antes da reapropriação de São Tomé dos holandeses pelos portugueses. Por causa disso para mim é mais lógico datar o fim dessa época no ano 1648 quando os holandeses foram degredos tanto da ilha de São Tomé como de Luanda.

No terceiro quarto do século XVI o império português começou a perder a sua invencibilidade nas águas oceânicas por causa da concorrência dos países da Europa Ocidental. Praticamente todos os países conquistados pelos portugueses tinham que arrostar aos ataques e às tentativas de conquista e apropriação pelas nações europeias ocidentais.

O primeiro assalto de exterior chegou em 1567 quando os piratas franceses incorreram na ilha e começaram a depredá-la. Porém, quando eles acabaram de depredar, embarcaram tudo o que eles tinham roubado e saíram. Como o povo são-tomense se escondeu nos bosques na serra e como a estadia dos franceses era curta, não chegou do ponto de vista linguístico a nenhum contacto considerável entre os franceses e os são-tomenses para os franceses deixarem qualquer marca da sua língua no crioulo são-tomense.

Além do perigo de fora, a ilha de São Tomé defrontou-se com as rebeliões e um desassossego social dentro do país que foram evocados pela escravatura. O primeiro impulso foi dado pelos escravos descontentes com as condições da vida cada vez piores em que se encontravam, que se vingaram nos pecúlios dos seus donos. Isto causou as agitações na cidade São Tomé, em 1574 os angolares aproveitaram e começaram a

destruir as plantações e entraram até na metrópole. Desde aqui, os habitantes tinham que arrostar aos ataques dos angolares que causaram uma intolerância de todos contra todos e a fuga dos portugueses para o Brasil era o mais seguro. Porém é necessário mencionar que a despeito das agitações sociais, o número de açúcar produzido continuava a crescer e a ilha também não perdeu a sua importância de base de abastecimento para os navios escravistas que partiram da costa africana para América.⁴⁵

A declinação da ilha continuou com a chegada dos Filipes de Espanha ao trono português em 1580 que causou entre outras coisas que a ilha comesse a ser vista pelos inimigos da dinastia Habsburgo que eram os impérios marítimos dos franceses, holandeses e dos ingleses.

Em 1585 a capital São Tomé foi destruída pelo fogo que pusessem os inimigos exteriores. Para ainda piorar a situação nutrida, no mesmo ano D. Filipe I (1581-1598) emitiu as suas reformas administrativas que limitaram os habitantes da ilha no ganho rápido de pecúlio, porque os habitantes foram obrigados a exercer a sua profissão por quatro anos e durante esse tempo não podiam ganhar nem terrenos, nem fazendas.

Contudo, pela tentativa real de melhor aproveitamento da ilha, afinal pagaram caro principalmente os escravos a quem foram criados em condições insuportáveis de trabalho e da vida. Porém, uma resposta chegou depressa. Uma onda das revoltas e da violência dos escravos insatisfeitos rebentou em 1590 e acometou a capital. No entanto, um pico das rebeliões houve em 1595 quando se realizou a revolta mais forte dirigida pelo escravo Amador quem até se declarou o rei da ilha. Não obstante, a sua estratégia era só destruir. Ainda que o seu governo demorou um ano, a revolta de Amador ganhou a sua importância na história de São Tomé e serviu tanto como um exemplo como um aviso para as revoltas futuras dos escravos e no mesmo tempo para os fazendeiros para tratarem bem os escravos.⁴⁶

Outra dificuldade para a ilha surgiu em 1600 sob a forma dos marinheiros holandeses que incorreram na ilha e começaram a depredá-la. No total eles ficaram na ilha quase 50 anos. No início não tinham nenhuma vontade de possuir a ilha; queriam apenas vingarse dos espanhóis por lhes terem oprimido e portanto depredaram todas as colónias do estado espanhol-português. Contudo, quando Portugal ganhou a sua independência a Espanha em 1640, já não lhe restaram os recursos para lutar contra os holandeses e afirmar o seu poder nas colónias transatlânticas. Com base nisso os holandeses

⁴⁵ Klíma, op. cit. p. 120-121.

⁴⁶ Idem, pp. 121-122.

conquistaram a ilha em 1641. Porém, antes que o governo holandês conseguisse consolidar o seu poder, os portugueses do Brasil⁴⁷ ganharam de novo em 1648 a ilha de São Tomé.⁴⁸

Em relação à linguagem a língua holandesa tanto como a língua francesa não deixou nenhuma marca no crioulo de São Tomé. O contacto entre os falantes não era suficiente para surgir qualquer necessidade da comunicação e não podemos esquecer que os holandeses queriam sobretudo destruir tudo que pertenceu à propriedade luso-espanhola.

A instabilidade da ilha causada pelas revoltas dos escravos e ainda mais fortificada pela invasão holandesa tinha consequências graves para a população e para a economia.

Do ponto de vista da economia na ilha havia desgraça e decadência. A produção de açúcar cujo sistema dos engenhos foi criado à base do modelo brasileiro rapidamente tombou. O salvamento da economia consistiu no tráfico dos escravos, de algodão e sabão.

Do ponto de vista social, a destruição sistemática da ilha resultou numa desagregação social. O pânico na ilha causou um êxodo numeroso dos brancos para o Brasil que já antes disso tinha sido um lugar próspero e mais seguro para os portugueses espantados. Os pretos junto com os mulatos ficaram na ilha escondendo-se dos holandeses no matagal. Dessa maneira os mulatos assumiram o modo da sobrevivência dos pretos.⁴⁹

As consequências da migração da população causaram do ponto de vista da linguagem, que fossem supressos os elementos do português e em crioulo são-tomense mais uma vez reforçou e praticamente predominou o substrato africano. A razão é óbvia porque como já referi no subcap. 1.3, na terceira década do século XVI o número da população branca na ilha estabilizou-se, ou seja os portugueses já não imigraram em grande número para São Tomé, o que causou graças ao número crescente dos escravos africanos, uma decadência gradual da influência da língua portuguesa a crioulo. Assim quando a maioria dos portugueses partiu e os mulatos e os escravos africanos viveram

⁴⁷ Como já mencionei, muitos portugueses emigraram para o Brasil nos tempos da decadência e da instabilidade que perduravam não só na ilha de São Tomé, mas também em Portugal. Por causa do governo dos reis espanhóis em Portugal, os portugueses no continente europeu anotaram uma grande decadência política, económica e cultural e assim perderam a sua influência que tinham tido nas suas colónias. Ao contrário, o Brasil ficou em calma relativa e até tornou-se mais forte do que Portugal era nesse tempo.

⁴⁸ Klíma, op. cit. pp 122-124.

⁴⁹ Idem, p. 123.

juntos aproximadamente meio século debaixo da vara do perigo holandês, o crioulo já não tinha mais o modelo português pelo qual se desenvolvia. Portanto, o primeiro meio de século XVII é considerado a época na qual o crioulo são-tomense ganhava a sua maturidade. Podemos presumir que a separação de português nessa altura propriamente trouxe maior complemento africano no léxico mas sobretudo na fonologia e na gramática de crioulo são-tomense⁵⁰. O português absoluto foi praticamente tirado da sociedade porque é provável que os africanos livres, os mulatos, que eram capaz de falar português tenham perdido com o tempo e pela situação social os seus conhecimentos dessa língua. Dessa maneira o crioulo são-tomense se distingue dos outros crioulos de base portuguesa e assim ganhou a sua especificidade.

Toda essa época inclui as rebeliões dos escravos, das invasões dos holandeses e franceses e a decadência complexa da ilha e do poder português. Em relação a crioulo à base de todos estes factos chegou à separação da língua portuguesa, o que causou uma predominação do substrato africano no crioulo de São Tomé e a sua excepcionalidade na comparação com os outros crioulos de base portuguesa.

É necessário dizer que a época desde o descobrimento da ilha até meados do século XVII é chave para a formação, o desenvolvimento e a maturidade do crioulo de São Tomé. O primeiro dos primeiros contactos entre os falantes da língua portuguesa e os falantes de várias línguas africanas surgiu um pidgin que entrou por efeito da situação social, política e comercial no processo da criouliização. Surgiu o crioulo são-tomense (o Santome) que se desenvolvia à base do modelo da língua portuguesa. Do outro lado da ilha surgiu no segundo meio do século XVI o segundo crioulo da ilha de São Tomé Angolar que praticamente se desenvolveu no isolamento sem nenhum modelo português. A situação social juntamente com a situação política causaram uma decadência progressiva da influência da língua portuguesa no crioulo são-tomense que culminou em meados do século XVII, quando a língua portuguesa desapareceu da ilha e na história da ilha já não recuperou tanto espaço e tanto poder para influenciar ainda mais o crioulo são-tomense. Em meados do século XVII o substrato africano evidente predominou no crioulo são-tomense e depois já nenhum elemento linguístico estrangeiro entrou na língua mais ou menos estável.

⁵⁰ Ferraz, op. cit. p.19.

1.5 Quinta época – resumo dos eventos históricos até actualidade

Neste subcapítulo gostaria de resumir a história social de São Tomé em relação à linguagem desde o meio do século XVII até presente. Do ponto de vista de crioulo o que aconteceu com a sociedade na ilha durante esses três séculos apenas afirma um predomínio do substrato africano no crioulo são-tomense que ficou até hoje.

Quanto à história social, a decadência e a desgraça da ilha continuava também depois da reconquista portuguesa em 1648 e demorou aproximadamente até meados do século XIX.

Quando a Coroa Portuguesa reconquistou a ilha de São Tomé dos holandeses em 1648, não teve os recursos demais para nenhum investimento e nenhum ressurgimento da sua propriedade transatlântica. Portanto, sem qualquer ajuda exterior, a ilha de São Tomé continuava a desfinhar pelas rebeliões e pelos roubos permanentes dos angolares.

Através de todas tentativas da Coroa Portuguesa de atrair os brancos para chegarem à ilha como por exemplo dar-lhes uma liberdade do tráfico por cinco anos, os brancos não se interessavam. A razão foi óbvia e praticamente foi a mesma, como tinha sido antigamente; os portugueses estavam preocupados pela inquietação social e pelo clima tropical que dominavam na ilha. Por isso, São Tomé ficava mais ou menos sem a população branca que mudava para o Brasil que era sempre mais favorável, seguro e agora ainda mais forte do que próprio Portugal. A tudo isso a situação miserável da ilha foi ainda recrudescida pelos problemas da administração; durante os anos 1683 e 1693 São Tomé ficou até sem governador.⁵¹

No século XVII a ilha de São Tomé designou uma decadência total. Portanto, em prejuízo de São Tomé, ganhou a ilha de Príncipe a sua importância como um centro do tráfico e na passagem do século XVII para o XVIII tornou-se uma plataforma do tráfico dos escravos africanos em vez do seu vizinho insular antigamente tão famoso.⁵²

O tráfico dos escravos foi no fim do século XVII ainda intensificado porque a Companhia do Cacheu e Cabo Verde, fundada em 1690, possuiu o monopólio do tráfico

⁵¹ Klíma, op. cit. p. 124-125.

⁵² Idem, pp. 125-126.

dos escravos desde 1696 até 1703 que foram levados da “Costa dos Escravos”⁵³, do Gabão, Congo e de Angola para o Brasil.⁵⁴

Quanto à estrutura da sociedade, predominaram os forros⁵⁵. Contudo, havia certa anarquia na sociedade, porque no primeiro lugar estavam os brancos que praticamente não habituavam a ilha, no segundo lugar estavam mulatos que eram descendentes dos brancos e pretos junto com as cabras e os cabritos que eram descendentes dos brancos e mulatos e finalmente no terceiro lugar estavam os pretos que tinham predomínio junto com *bôbô*⁵⁶, que era um descendente de preto e mulata. Nessa situação havia apenas a Igreja que cultivou a população da ilha pelo cristianismo. A seguir, a decadência da ilha foi ainda profundada em 1753, quando Marquês de Pombal deslocou a administração de São Tomé ao Príncipe.⁵⁷

O século XIX é no signo do processo da abolição da escravatura e das circunstâncias em torno disso. O abafamento da escravatura começou já no início do século XIX, quando havia uma tentativa de encontrar outro “produto” de exportação. Começou a cultivar-se gengibre e cafeeiro e produziu-se azeite de dendê. Em 1836 desclarou-se oficialmente a (primeira) abolição da escravatura, o que apenas deu a base à agricultura tropical, no caso de São Tomé ao cafeeiro, mas afinal a escravatura continuava. Contudo, a sociedade maioritária era pobre, simples e sobrevivida. O sul da ilha ocuparam os angolares, “os selvagens”, que continuavam a viver num isolamento.⁵⁸

Em 1842 os ingleses obrigaram o governo português a assinar o tratado da terminação do tráfico dos escravos, no entanto, por agora sem sucesso. Depois de dez anos, em 1852, a capital revoltou a São Tomé junto com a administração de todo arquipélago. Contudo, este facto significou que São Tomé ganhava de novo a sua importância nas relações externas.

⁵³ “A região chamada de Costa dos Escravos era localizada no Golfo do Benim ao sul da baía do Benim entre o rio Volta e o canal de Lagos e compreendia aproximadamente 320 Km. [...] Esse termo também serviu para designar toda a costa ocidental da África - a terra dos negros.” Acessível de <http://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa5/movimentos-na-historia> [cit. 20.6.2011]

⁵⁴ Informações utilizadas de duas fontes: Klíma, op. cit. p. 126. E http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_do_Cacheu_e_Cabo_Verde [cit. 14.2.2011]

⁵⁵ Falamos sobre os descendentes dos escravos soltados ou libertados.

⁵⁶ No crioulo do Santome hoje em dia significa *banana*.

⁵⁷ Klíma, op. cit. pp. 126-128.

⁵⁸ Idem, pp. 129-131.

Logo depois, em 1854, foi dado um estatuto de “liberto” ao pretos e mulatos com uma obrigação de trabalhar 10 anos “grátis” para os seus “antigos donos”. Porém, isso tinha uma consequência grave porque os libetos começaram a trabalhar mais nos cafezais e nas plantações de cacau e assim a escravatura ainda fortaleceu.

Em 1869 foi declarada a lei da (segunda) abolição teórica da escravatura no império português. No entanto, uma necessidade de mão-de-obra nas plantações crescia e, portanto, a mão-de-obra mudou dos escravos aos assalariados; ao lado dos libertos trabalhavam nas plantações também os trabalhadores “contratados” que podiam depois de cinco anos de trabalho voltar para o seu país nativo. Em 1875 foi a escravatura definitivamente abolida em São Tomé. Devido ao surgimento de roça (antigamente engenheiro), um sistema novo de um latifúndio com uma propriedade grande, chegaram os portugueses à ilha e começou uma divulgação das plantações até o território dos angolares. Assim voltou uma prosperidade e uma ordem a São Tomé.⁵⁹

Na primeira década do século XX os portugueses ainda praticaram uma escravatura escondida. Apesar de doenças tropicais e da aversão crescida contra o trabalho duro da população africana (de Angola, Moçambique e Cabo Verde), a ilha tornou-se em 1909 o maior exportador mundial de cacau.

Contudo, uma esperança em melhor vida chegou para os “trabalhadores” no dia 5 de Outubro 1910, quando foi declarada a República Portuguesa. Este facto causou uma ânsia por melhores condições nas colónias não só nas ilhas, mas também em Portugal onde se juntaram os grupos dos emigrantes africanos. Nas ilhas surgiu ainda em 1910 o primeiro partido político chamado Liga dos Interesses Indígenas de São Tomé e Príncipe. Em Lisboa foi estabelecida uma organização dos africanos portugueses “Liga da África” para proteger os direitos africanos. Uma contradição do povo africano contra a superioridade dos portugueses na ilha cresceu e os africanos começaram a lutar pelos seus direitos. Até urante a época 1910-1920 havia uma alternância frequente dos governadores na ilha, falamos sobre 9 governadores.⁶⁰

Na época do Estado Novo (1926-1950) Salazar insistiu numa unidade colonial e prometeu uma ascensão ao africanos assimilados. Contudo, as suas providências financeiras, causadas da crise económica mundial (1929), junto com a sua pressão política provocaram os conflitos não só em São Tomé, mas também em todo império português. A maior rebelião na ilha aconteceu em 1931, quando todos os fazendeiros e

⁵⁹ Klíma, op. cit. pp. 131-135.

⁶⁰ Idem, pp. 137-143.

funcionários estavam contra o governador Luís Augusto Vieira Fernandes (1929-1933). Havia os fazendeiros e os funcionários que mais sofreram debaixo das restrições salazaristas, porque os fazendeiros tinham que repatriar os seus trabalhadores ou desempregar os epregados brancos ou mulatos. Também as posições funcionárias eram limitadas. Contudo, os revoltados eram derrotados pelas unidades militares mandadas de Angola e castigados. Porém, esta revolta mostrou que o poder de Lisboa já estava insegura.⁶¹

Depois de ter desviado um perigo iminente, na ilha predominou o salazarismo, que garantiu certa estabilidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, o interesse português enfraqueceu, entretanto, a economia nas ilhas de São Tomé e Príncipe não estagnou como aconteceu no caso de Angola, Moçambique ou Guiné-Bissau, mas as ilhas sempre profíteram graças à procura de cacau. Isso seduziu também o povo caboverdiano junto com piores condições temporais de que as que dominavam em Cabo Verde⁶². Todos estes factos chegaram a um ponto, que se começou a nascer um orgulho nacional e uma identidade são-tomense.⁶³

Contudo, depois da Segunda Guerra Mundial, as condições nas plantações foram trágicas, o que declaram também as recomendações do governador Carlos de Sousa Gorgulho (1945-1953) que ele nesse tempo publicou para não obrigar os trabalhadores doentes e as mulheres grávidas ao trabalho, delimitar os castigos físicos e eliminar a prostituição forçada como uma fonte do ganho de dinheiro. A chefia começou a perceber que aquelas condições de trabalho abaixaram o efeito económico final. Não obstante, eles não podiam contar com a ajuda de Portugal, porque aí o salazarismo “sobreviveu” um perigo iminente de uma revolução democrática e voltou com toda força. Isto significou um dessinteresse repetido de lado não só do governo português, mas também dos governadores portugueses. Quanto à concentração dos europeus nesse tempo na ilha, falamos apenas sobre 1 152 europeus que moravam na ilha e que foram ora administradores, ora vedores nas plantações ou contabilistas.⁶⁴

No entanto, nos anos cinquenta do século XX a situação económica ainda piorou. As receitas não corresponderam aos gastos e, portanto, o governador Carlos de Sousa

⁶¹ Klíma, op. cit. pp. 143-145.

⁶² Cabo Verde tem tido sempre problemas com seco, o que tem influência principalmente à agricultura e assim à fonte da subsistência. Em meados do século XX era em Cabo Verde tanto seco, até que a gente morava de grande fome.

⁶³ Klíma, op. cit. pp. 145-147.

⁶⁴ Idem, pp. 147-148.

Gorgulho resolveu aumentar a produção com intensão. Ele desalojou a população indígena a trabalhar, o que levou uma onda da crítica e das rebeliões. Contudo, o governador declarou em 1953 uma caça a negros e assim começaram lutas, matanças dos negros pela polícia armada de que o maior terror aconteceu no mesmo ano na freguesia Batepá onde foram mortos 1 032 os negros inocentes. Contudo, “a revolta de Batepá” chegou ao jornal mundial e Carlos de Sousa Gorgulho foi abjurado, mas não foi castigado.⁶⁵

Depois desse evento a situação económica junto com a dos trabalhadores melhorou, no entanto, à ilha de São Tomé chegaram as ideias de decolonização de Gana onde se propriamente desclarou independência dos ingleses em 1957.⁶⁶ Eram fundadas várias organizações nacionalistas como Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) em 1961, entretanto, por causa de um numero baixo da população nas ilhas (em 1960 tiveram 64 404 habitantes) comparando com outros países do império português, as condições não possibilitaram nenhuma resistência massiva nem armada. E portanto as ilhas começaram-se a estabilizar, modernizar e melhorar a infraestrutura.⁶⁷

Potém, o partido Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) que surgiu em Lisboa em 1960 como a reacção aos acontecimentos em Batepá começou envolver-se no assunto de descolonização da ilha. Junto com o facto de guerrilhas que aconteceram em outras colonias portuguesas (em 1961 em Angola, em 1963 em Guiné-Bissau e em 1964 em Moçambique), o arquipélago ganhou a independência a 12 de julho em 1975, apesar de não existir nenhuma resistência nas ilhas. O primeiro presidente da República democrática de São Tomé e Príncipe tornou-se Manuel Pinto da Costa (1975-1991). As primeiras eleições venceu o partido socialista, nomeadamente Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) que tem governado praticamente até hoje sob um nome reformado a Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – Partido Social Democrata (MLSTP-PSD).⁶⁸ A razão pela esta mudança era que em 1990 houve uma transição para um sistema democrático multipartidário. Porém, praticamente não se mudou nada e o partido socialista

⁶⁵ Klíma, op. cit. pp. 148-150.

⁶⁶ Acessível de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gana> [cit. 28.6.2011]

⁶⁷ Klíma, op. cit. pp. 150-153.

⁶⁸ Idem, pp. 160-167.

conservou a sua popularidade. Atualmente o chefe do estado é desde janeiro 2011 Aurélio Martins.⁶⁹

Porém, quanto à situação linguística, desde a declaração da liberdade na ilha de São há duas línguas nacionais, nomeadamente o Santome e o Angolar e uma língua oficial, isto é a língua portuguesa.

⁶⁹ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_de_Liberta%C3%A7%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe [cit. 28.6.2011]

2. Problemática da situação linguística de São Tomé

2.1 Situação linguística actual

A situação de linguagem na ilha de São Tomé é típica pelo seu multilinguismo⁷⁰. Todavia, podemos constatar que na ilha há três línguas principais. Além da língua portuguesa a que pertence um estatuto da língua oficial, há também duas línguas crioulas autóctones, nomeadamente o Santome e o Angolar, que são consideradas as línguas nacionais. Ao lado dessas línguas principais existe mais uma língua nativa que se chama Língua dos Tongas⁷¹. Para termos a lista completa das línguas faladas na ilha, tenho que mencionar também o crioulo de Cabo Verde, que é, comparando com outros, falado pouco. Contudo, já ao princípio é necessário sublinhar que a maioria dos habitantes da ilha de São Tomé sabe falar duas ou até mais línguas.⁷²

A seguir queria definir essas línguas do ponto de vista de uso pela sociedade são-tomense com maior orientação para as línguas crioulas das quais vou dedicar-me mais ao Santome, porque representa o crioulo dominante.

Quanto ao uso dos crioulos nas situações sociais, as línguas nativas são faladas apenas nas situações informais e não há nenhuma forma escrita oficial dos crioulos, porém, está na evolução.

2.1.1 Português

O português é a língua oficial e de prestígio na ilha de São Tomé.⁷³ Dessa maneira é utilizada num conjunto das actividades oficiais quer dizer na área da legislatura, executiva, justiça e também do ensino⁷⁴. Realmente é utilizado tanto nas situações formais como nas informais ao contrário das línguas nativas que são faladas apenas nas situações informais. Oficialmente a norma é do português europeu, mas na prática existem variações diversas da língua portuguesa derivadas do grau de influência dos

⁷⁰ Gonçalves, R. *A preposição a no português oral de S. Tomé*, p. 1. (tese) Acessível de http://www.clul.ul.pt/files/rita_goncalves/A_preposio_a_no_portugus_oral_de_S._Tom.pdf [cit.5.3.2011]

⁷¹ Podemos encontrar também como Português dos Tongas, veja mais no subcap. 2.1.2.

⁷² Hagemeyer, T. *As Línguas de S. Tomé e Príncipe*. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola 1 2009, p. 1, 18.

⁷³ Idem, p. 19.

⁷⁴ Acessível de http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_oficial [cit. 5.3.2011]

crioulos. Esta influência dos crioulos ao português consiste, sobretudo, no nível lexical; ao menos mexe com a gramática. Se o português de um falante é mais próximo da norma europeia ou inclui maior ou menor grau da influência dos crioulos depende de vários factores como o nível de educação, nível económico e o ambiente social e local.⁷⁵

Sem olhar para as variações possíveis da língua portuguesa, o português é a língua mais falada na ilha de São Tomé. Esta afirmação é declarada também pelo facto que hoje em dia a maioria da população são-tomense já tem o português como a primeira língua, quer dizer a língua materna, ainda que num passado recente ainda predominou como a segunda língua.⁷⁶

A prova dessa afirmação é documentada pelos dados numéricos sobre as línguas faladas na população de São Tomé e Príncipe com mais de cinco anos apontados do censo de 2001 que foi feito pelo Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe. Os dados são seguintes: no ano 2001 viveu em São Tomé e Príncipe 137,599 habitantes com mais de 5 anos, de que 98,9% sabiam falar português, 72,4% Santome, 2,4% Lung'ie⁷⁷ e 12,8% outras línguas, em que são provavelmente incluídas as línguas como o Angolar, o crioulo caboverdiano e a Língua dos Tongas.⁷⁸

Desses dados defluem dois factos: primeiro que as pessoas com mais de cinco anos são capazes de falar duas ou mais línguas e segundo que há um predomínio marcante da língua portuguesa na população tanto são-tomense como principense.

Assim concluindo, do ponto de vista luso-africano o arquipélago São Tomé e Príncipe é o único país, onde o português é actualmente a primeira língua para a maioria dos habitantes e paralelamente o país dispõe de boas condições para surgir uma nova variedade da língua portuguesa que tenha o léxico de base das línguas crioulas.⁷⁹

2.1.2 Língua dos Tongas

Língua dos Tongas é uma língua que surgiu à base de contacto entre os falantes do Kimbundu e do Umbundu, os dialectos de Angola, com a população são-tomense.⁸⁰

⁷⁵ Hagemeyer, op. cit. p. 19.

⁷⁶ Idem, pp. 19-20.

⁷⁷ É o crioulo da ilha de Príncipe, também designado como Principense.

⁷⁸ Hagemeyer, op. cit. pp. 18-19.

⁷⁹ Idem, p. 19-20.

⁸⁰ Hagemeyer, op. cit. p. 17.

Porém, há várias ideias sobre a sua classificação. Por um lado, Smith⁸¹ considera a língua dos Tongas a ser um pidgin, mas por outro lado, Rougé⁸² e Baxter⁸³ estão de acordo com a teoria que pode ser um crioulo ou possivelmente um semicrioulo. Às vezes a Língua dos Tongas é designada também como Português dos Tongas, o que pode ser explicado pela citação a seguir:⁸⁴

“A palavra Tonga designa os descendentes dos contratados, cuja primeira geração começou a aprender o Português falado nas roças, para fins de comunicação. Não se tratava de um Português normativo, mas sim de um Português reestruturado com traços das línguas maternas africanas e do Português de S.Tomé que passou a ser a língua materna de novas gerações já nascidas em S. Tomé.”⁸⁵

Hoje em dia o número dos falantes da Língua dos Tongas é praticamente prescindível, o que confirmam também os dados de censo da população de São Tomé e Príncipe de 2001, veja 2.1.1. O número dos falantes da Língua dos Tongas é incluído entre *outras línguas* (12,8%), além do mais, com o Angolar e o crioulo caboverdiano. Podemos pressupor que o Angolar, como o segundo crioulo da ilha de São Tomé (veja mais 2.1.4), poderia possuir por volta do meio da percentagem, assim 5%. A seguir, o crioulo caboverdiano é mais divulgado na ilha de Príncipe⁸⁶ e, portanto, o número dos falantes na ilha de São Tomé deveria ser módico. Em vista de outras línguas incluídas na percentagem, em 2001 o número dos falantes da Língua dos Tongas pôde ser ao máximo 1,5% de toda a população do arquipélago.

O número dos falantes da Língua dos Tongas abaixa-se sempre. Esta tendência corresponde à situação em que ocorrem também os falantes de outros crioulos. Apesar disso, comparando com outros crioulos no arquipélago, a situação da Língua dos Tongas é mais grave por causa do número baixo dos falantes que já tem continuado pelos séculos. A situação piorou com a independência do arquipélago a Portugal em 1975 que causou que, entre outras coisas, os habitantes do arquipélago, incluído os

⁸¹ Norval Smith é um linguísta escocês, crioulista e professor na Universidade de Amsterdam.

⁸² Jean-Louis Rougé é um linguísta francês, crioulista, presidente da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE) e professor na Universidade de Orléans na França.

⁸³ Alan N. Baxter é um linguísta australiano, crioulista e professor na Universidade de Macau.

⁸⁴ Araujo, G. A. *Empréstimos recentes do português, variação fonética e a sílaba na língua são-tomense da ilha de São Tomé*, p. 3. (tese) Acessível de <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/12/17-5> [cit. 12.3.2011]

⁸⁵ Hagemeyer, op. cit. p. 17-18.

⁸⁶ Idem, p. 17.

Tongas, ganharam maior liberdade de movimento e maior possibilidades da educação do que tiveram antes. Desde esse momento a existência da Língua dos Tongas tem colocado em risco por causa da aproximação natural e intensiva ao Português de São Tomé que afinal pode evocar uma reunificação numa língua e uma desapareição total de uma variedade da língua portuguesa sem deixar nenhuma marca.⁸⁷

2.1.3 Santome

O crioulo de Santome, literalmente a língua de São Tomé, é o crioulo mais falado na ilha de São Tomé. Quanto à denominação diferente desse crioulo, o crioulo Santomense é também conhecido entre os nativos como Lungwa Santome, Forro⁸⁸ (ou Fôlô em crioulo) e Dialecto. Nos termos académicos é também designado como São-Tomense.⁸⁹

Do ponto de vista geográfico é falado em toda a ilha além do cabo do Sul, onde se fala o Angolar. Dos dados de 1999⁹⁰ o Santome foi falado pela população de 69 900 habitantes de cerca 132 mil em total da toda a população da ilha. Comparando com o segundo crioulo, o Angolar, que nessa altura de tempo era falado por cerca 5 mil da toda a população da ilha.⁹¹ Hoje em dia podemos pressupor, que devido à influência sempre crescida do português, que é causada entre outras coisas pelo movimento urbano (veja 2.1.1), o número dos falantes do Santome pode descer um pouco e os habitantes tornam-se bilíngues. Contudo, quanto ao bilinguismo em relação aos crioulos, os falantes nativos do Santome não dominaram em geral o Angolar nem o Principense, mas por outro lado os falantes dos crioulos mencionados falam muitas vezes o Santome.⁹²

Apenas de ser o crioulo falado pela maioria dos habitantes, podemos dizer que é também o primeiro crioulo que surgiu entre os crioulos de Golfo da Guiné. De ponto de vista socio-histórico (veja cap. 1) podemos observar que se formou durante cerca 80

⁸⁷ Hagemeyer, op. cit. p. 18.

⁸⁸ „O forro significa “livre” e é entendido por descendentes dos escravos, declarados homens livres na obtenção da carta foral.“ Acessível de <http://stomepatrimonio.blogspot.com/search/label/Crioulos%20e%20Dialectos> [cit. 20.3.2011]

⁸⁹ Hagemeyer, op. cit. p. 1.

⁹⁰ Hoje em dia não há dados mais recentes sobre o Santome falado pela população são-tomense, porque em todas as fontes envolvem as informações acessíveis todo o arquipélago de São Tomé e Príncipe como um conjunto.

⁹¹ Acessível de http://www.ethnologue.com/show_country.asp?name=ST [cit. 12.3.2011]

⁹² Hagemeyer, op. cit. p. 19.

anos. A sua maturidade ganhou por volta de 1600 e, portanto, podemos pressupor que existe já aproximadamente 400 anos.⁹³

Concentrando-se à linguística, a afinidade dos crioulos de Golfo da Guiné não existe apenas no contexto socio-histórico mas também no contexto linguístico, o que afirma por exemplo o grau do léxico do Santome partilhado com o dos outros crioulos. Assim em virtude da posição geográfica das ilhas junto com o desenvolvimento socio-histórico que têm comum com as aberrações mínimas, podemos pressupor que os crioulos de Golfo da Guiné têm maioria do léxico em comum. Portanto, comparando o léxico do Santome com os crioulos de Golfo da Guiné, o Santome partilha 88% com o do Principense, 82% com o do Fá d'Ambô ⁹⁴ e 67% com o do Angolar. Em relação ao português, 93% do léxico do Santome é de origem portuguesa. ⁹⁵

Do ponto de vista de uso da língua, o Santome é falado apenas nas situações informais, todavia, hoje em dia é possível afinar uma radiodifusão e um programa da televisão no Santome. Não há dúvida, que um meio da conservação dos crioulos, em geral, é a música crioula local que no caso de São Tomé é representada pelos estilos como Kwassa Kwassa, Kizomba-Zouk ou Tabanka-Batuque⁹⁶.

2.1.4 Angolar

O Angolar, literalmente a língua dos Angolares, é o segundo crioulo falado na ilha de São Tomé. Mesmo como no caso do Santome, o Angolar é também conhecido entre os nativos por termos diferentes, quer dizer como Ngola ou Lunga Ngola⁹⁷.

Do ponto de vista da geografia é falado como verificam os linguístas (Pereira, Ferraz, Hagemeyer) principalmente no sudeste da ilha, na área da cidade de São João dos Angolares que faz uma parte do distrito de Caué⁹⁸. Mas por outro lado de acordo com os nativos é também falado por menor grau na região da Norte, em concreto na cidade de Neves, que pertence ao distrito de Lembá, veja mapa 3 na página a seguir.⁹⁹

⁹³ Ferraz, op. cit. p. 9.

⁹⁴ Trata-se do crioulo da ilha de Ano Bom, também conhecido como o Annobonese.

⁹⁵ Ferraz, op. cit. p. 8-9.

⁹⁶ http://www.kizomba.eu/component/page.shop/browse/category_id.37260/option.com_virtuemart/Itemid.1/ [cit. 13.3.2011]

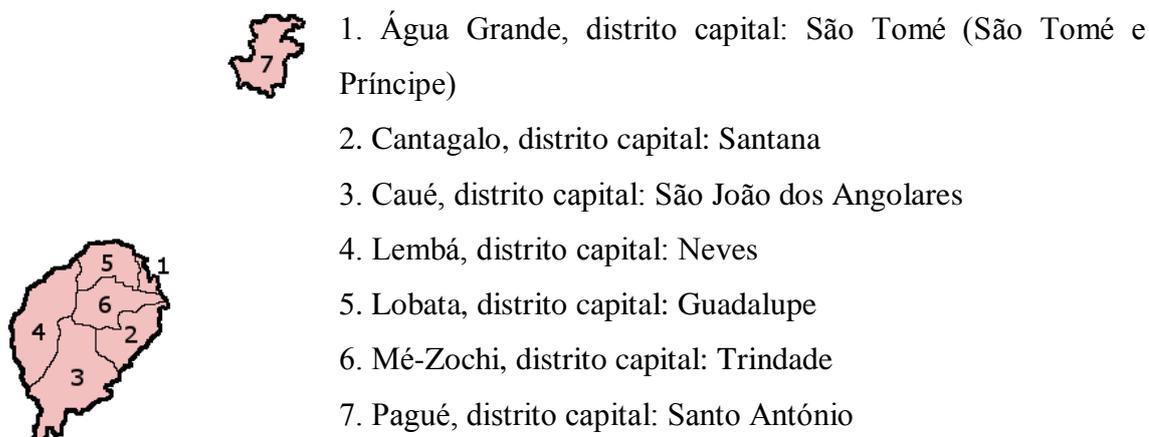
⁹⁷ Hagemeyer, op. cit. p. 1.

⁹⁸ Acessível de <http://stomepatrimonio.blogspot.com/2008/07/dialectos-e-crioulos.html> [cit. 16.3.2011]

⁹⁹ Acessível de <http://stomepatrimonio.blogspot.com/2008/07/dialectos-e-crioulos.html> [cit. 16.3.2011]

Do ponto de vista social, os falantes do Angolar são designados como os angolares, que é uma comunidade étnica que foi formada pelos escravos de fuga no século XVI (veja 1.3), geralmente dos falantes de origem bantu, concretamente o Kimbundo e o Kikongo¹⁰⁰. No crioulo do Angolar podemos também encontrar uma influência das línguas Kwa, nomeadamente do dialecto Edo cujos falantes chegaram ao contacto com angolares mais tarde. Quanto ao número dos falantes, o Angolar foi falado em 1999 por cerca 5 mil de toda a população de 132 mil da ilha de São Tomé (veja 2.1.3).

Mapa 3. *Distritos de São Tomé (1-6) e Príncipe (7)*.¹⁰¹



Em relação à linguagem é necessário dizer, que o Angolar tem o maior grau do substrato africano de todas línguas crioulas de Golfo da Guiné. Porque do ponto de vista socio-histórico a comunidade dos fujões de origem bantu vivia muito tempo no isolamento (veja 1.3, 1.4). Portanto, podemos dizer que a língua que se formou era praticamente sem uma influência da língua portuguesa. Concluindo isso, o substrato africano claramente predomina no crioulo de Angolar e, portanto, tem o menor número das palavras de origem portuguesa comparando com os outros crioulos de Golfo da Guiné¹⁰². Por causa de maior influência das línguas africanas, o Angolar diferencia-se do Santome principalmente no léxico e na fonologia.¹⁰³

¹⁰⁰ Pereira, op. cit. p. 61-62.

¹⁰¹ De http://pt.wikipedia.org/wiki/Distritos_de_S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe [cit. 13.6.2011]

¹⁰² Dos dados publicados por Hagemeijer (idem, op. cit. p. 7), a percentagem de itens lexicais de origem portuguesa nos crioulos de Golfo da Guiné é seguinte: o Santome 93%, Lung'ie 93%, Angolar 82%, Fa d'Ambô 90%.

¹⁰³ Pereira, op. cit. p. 61.

Quanto ao uso da língua, como já mencionei nos outros casos, como se trata da língua nativa, utiliza-se apenas nos planos informais e só na comunidade dos angolares. Desenvolvendo alguns factos dados no subcap. 2.1.3.1, podemos pressupor que o número dos falantes do crioulo de Angolar ainda mais desça, até na visão muito futurista desapareça. As razões são seguintes: primeiro o bilinguismo até o multilinguismo é sempre mais frequente, mas apenas “divulga” as outras línguas, nomeadamente o Santome e o português, e assim “discrimina” e “veda” a língua dos Angolares que está mesmo na menoria. Outra razão é relacionada com o facto que o português já é considerada a primeira língua, quer dizer a língua materna para a maioria dos habitantes e assim tem uma posição muito forte nos termos socio-linguísticos.

Por fim, hoje em dia não há muitas informações e nem muitos dados sobre o próprio Angolar e assim é possível que por causa da sua tendência de desaparecer, nem saibamos mais do que agora.

3. Problemática de crioulo de São Tomé

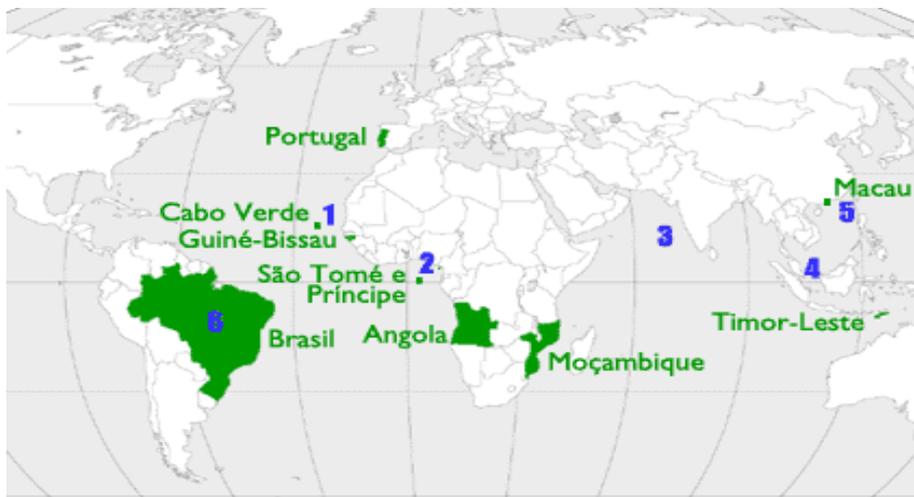
3.1 Classificação geográfica de crioulo de São Tomé

Os dois crioulos, o Santome e o Angolar, que existem na ilha de São Tomé são nos termos linguísticos de base (lexical) portuguesa. Isto significa que a maioria do seu léxico é de origem portuguesa, devido à história da sua formação. Assim o português no processo da formação dos crioulos de base portuguesa desempenha sempre o papel da língua de superstrato¹⁰⁴, a língua que é socialmente dominante, e que dá o léxico. Por outro lado, as línguas que estiverem em contacto com o português durante a formação dos crioulos e eram faladas pelos grupos socialmente dominados, são linguisticamente designadas as línguas de substrato.¹⁰⁵ De acordo com Pereira:

*“Um crioulo é ‘de base portuguesa’ quando as unidades lexicais são, na sua maioria, reconhecidamente de origem portuguesa, embora, na sua estrutura, se rejam por regras fonológicas e morfológicas próprias, possam ter significados diferentes e impliquem construções sintácticas também diferentes.”*¹⁰⁶

Geograficamente os crioulos de base lexical portuguesa são classificados em seis grupos em quatro continentes¹⁰⁷, veja mapa 2.

Mapa 2. Os crioulos de base portuguesa com as colónias antigas de Portugal¹⁰⁸



¹⁰⁴ Trata-se de uma “língua falada pelo grupo socialmente dominante em circunstâncias e situações de pidginização ou de criouliização e que fornece a maior parte do vocabulário.” Acessível de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Superstrato> [cit. 28.6.2011]

¹⁰⁵ Pereira, op. cit. p. 13, 47, 49.

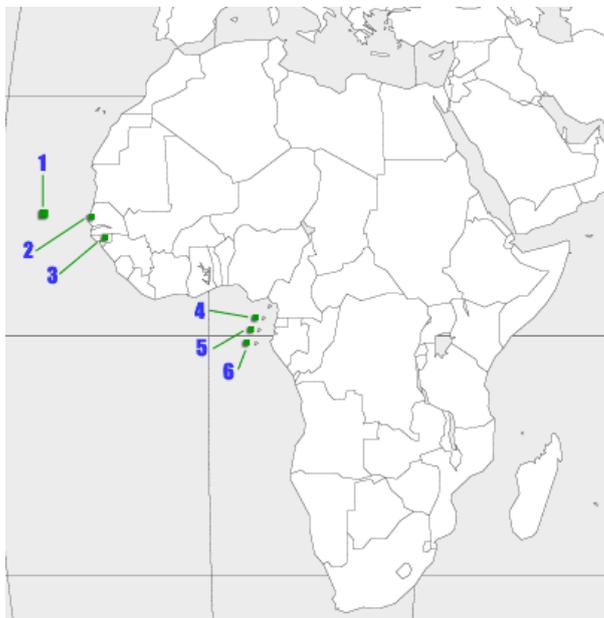
¹⁰⁶ Idem, p. 47.

¹⁰⁷ Pereira, op. cit. p. 59.

¹⁰⁸ De <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html> [cit. 17.3.2011]

Em África, veja mapa 3, surgiram os Crioulos da Alta Guiné que são situados em Cabo Verde (1), Casamansa que é em Senegal (2) e Guiné-Bissau (3); e os Crioulos do Golfo da Guiné a que pertencem os crioulos de Príncipe (4), de São Tomé (5) e de Ano Bom (6).

Mapa 3. *Crioulos de base lexical portuguesa na África.*¹⁰⁹



Na Ásia formaram-se os crioulos Indo-portugueses que são os da Índia e do Sri-Lança; os crioulos Malaio-portugueses que existem na Malásia e em algumas ilhas da Indonésia; e os crioulos Sino-portugueses que são os de Macau e Hong-kong.

Na América surgiram os crioulos do Brasil.¹¹⁰

Entre outros, existem também os crioulos com forte influência lexical portuguesa no continente americano. Aí o português já não é o único superstrato e combina-se seja com espanhol e neerlandês como no caso do Papiamento, falado em Curaçau, Aruba e

¹⁰⁹ Acessível de <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html> [cit. 17.3.2011]

¹¹⁰ De acordo com Pereira (de artigo Crioulos de base portuguesa) „*existe uma variedade dialectal afro-brasileira que parece corresponder a uma fase avançada de descrioulização de um anterior crioulo, a variedade de Helvécia, ao sul da Baía. [...] Alguns autores (como J. Holm) referem-se a uma variedade não standard do português brasileiro, o Português Vernáculo do Brasil (PVB), como sendo um **semi-crioulo**, uma variedade que, embora partilhando com os crioulos (os antigos crioulos falados no Brasil) alguns traços estruturais, não resultou de um processo de crioulição radical. Outros autores (como Parkvall) [estão de desacordo] e consideram a reestruturação no PVB moderna e feita pela evolução interna inerente a qualquer língua.*” Por fim, o tema dos crioulos no Brasil é muito discutível. Acessível de <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html> [cit. 17.3.2011]

Bonaire e nas Antilhas ou seja com inglês como no caso do Saramacano¹¹¹ do Suriname.

Concluindo, do ponto de vista da classificação os crioulos da ilha de São Tomé são de base lexical portuguesa e pertencem aos Crioulos do Golfo da Guiné.

Do ponto de vista linguístico, todos os crioulos de Golfo da Guiné tem basicamente o mesmo substrato, quer dizer as línguas de Bantu e Kwa. Quanto a outras características comuns para os crioulos de Golfo da Guiné, não há nenhuma variação dialectal entre os crioulos de Santome, Angolar e Annobonense.¹¹² Cada crioulo de Golfo da Guiné é uniforme ao contrário do crioulo do arquipélago Cabo Verde, onde existem variantes regionais em quase cada ilha, das quais as mais importantes são variantes do Fogo, de Santiago, de São Nicolau, de São Vicente e de Santo Antão.

3.2 Classificação linguística de crioulo de São Tomé

Acabamos de classificar o crioulo de São Tomé do ponto de vista geográfico e agora vamos designá-lo do ponto de vista linguístico. Nesse caso há uma discrepância, um desacordo entre os termos linguísticos e os termos utilizados pelos nativos.

Por um lado, os linguístas utilizam sobretudo os termos como o crioulo de Santome (Hagemeyer), São-tomense (Ferraz) ou Forro (Pereira). Todavia, estão absolutamente de acordo que o Santome é nos termos linguísticos um crioulo. Contudo, como podemos ler a seguir nesse subcapítulo, há uma discussão entre os linguístas como precisamente definir crioulo.

Por outro lado, os nativos, os próprios são-tomenses, utilizam mais o termo Forro ou Lungwa Santomé, mas também designam a sua língua, entre outros, como *dialecto*. Nesse caso é preciso de ter cuidado com os termos linguísticos, porque pode tratar-se de um desentendimento. Os são-tomenses não entendem *dialecto* como nós, mas como uma língua que se fala. Portanto, de acordo com Pereira¹¹³ quando eu perguntei a um são-tomense qualquer, um camponês mal educado ou apenas alguém na rua, se ele fala crioulo, a sua resposta será provavelmente que não, porque ele pensa em crioulo de

¹¹¹ Hoje em dia o Saramacano é considerado um crioulo de base lexical inglesa com forte influência lexical portuguesa.

¹¹² Ferraz, op. cit. pp. 8-9.

¹¹³ Essas informações chegam das aulas da cadeira *Crioulos de base lexical portuguesa* ensinadas pela professora Dulce Pereira que eu atendi durante o meu Erasmus na FLUL no semestre de Verão do ano lectivo 2009/2010.

Cabo Verde. Concluindo, na população comum o termo crioulo é associado ao crioulo de Cabo Verde e nunca se refere ao Santome. Quanto ao santome, nós temos que perguntar se fala dialecto e assim a sua resposta será que sim pensando no santome, na língua que se fala. Desses dados podemos pressupor que os são-tomenses não acham que a sua língua é um dialecto de ponto de vista do nosso entendimento desse termo, mas uma língua que é falada.

Contudo, considerar o Santome a um dialecto, como o entendemos, é mesmo errado. Porque no nosso entendimento pelo conceito *dialecto* entende-se geralmente “*uma variedade regional de uma língua, que é falada numa área concreta de diferente grandeza*”¹¹⁴. Embora qualquer dialeto tenha a sua norma, quer dizer as regras gramaticais, tem as características diferenciadas à norma de uma língua¹¹⁵. De acordo com a gramática de Cunha & Cintra¹¹⁶, dialecto pode ser definido como:

*“um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem”*¹¹⁷;

ou a segunda definição dos dialectos diz que se trata “[d]as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua”¹¹⁸.

Em razão da primeira definição, a língua dos são-tomenses não é um dialecto do português, porque a própria língua já tem as suas regras gramaticais, que praticamente existem apenas na forma oral e que são totalmente diferentes nas disciplinas linguísticas (na morfologia, na sintaxe, na fonética, etc.) da norma da língua portuguesa. Trata-se duma língua de contacto das várias línguas que do ponto de vista socio-histórico se formou dum modo especial.

Embora a segunda definição admita que um dialecto pode ser entendido socialmente, também não corresponde ao caso do crioulo de São Tomé. Porque como já disse, os são-tomenses não entendem o termo dialecto como está colocado na nossa consciência e simplesmente pensam em língua que se fala.

¹¹⁴ Černý, J. *Úvod do studia jazyka*. Olomouc: Rubico 2008, p. 176.

¹¹⁵ Mateus, M. – Cardeira, E. *Norma e Variação*. Lisboa: Caminho 2007.

¹¹⁶ Cunha, C. – Cintra, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18.^a ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa 2005.

¹¹⁷ Idem, p. 4.

¹¹⁸ Ibidem.

Continuando a exprimir os conceitos chaves em relação ao Santome nos termos linguísticos, chegamos ao ponto de definir o termo básico que é *língua*. A definição de língua de acordo com Cunha & Cintra¹¹⁹ é seguinte:

*“Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.”*¹²⁰

Contudo, de ponto de vista de uma declaração que se trata de uma língua podemos dizer, que língua é praticamente um estatuto sinteticamente adquirido. E dessa maneira chegamos ao ponto de distinguir língua de crioulo, quer dizer onde fica a fronteira que determine que nesse caso se trata de crioulo e naquele falamos sobre língua e com isso ligada uma definição de crioulo.

De acordo com Pereira, simplesmente podemos dizer que *“um crioulo é uma língua que resulta de uma forma especial entre línguas.”*¹²¹ Mas esta afirmação, que *um crioulo é uma língua*, está no ponto muito discutivo pelos linguístas e crioulistas. O problema é que alguns afirmam que crioulo não é uma língua e os outros estão de acordo que se trata de uma língua. Portanto, não existe uma definição universal de crioulo. Todavia, no fundo os linguístas concordam num ponto:

*“os crioulos distinguem-se das outras línguas pela rapidez da sua formação, em condições históricas fora do comum: por necessidade social, falantes de diferentes línguas maternas procuram a todo o custo comunicar entre si usando uma língua que, sendo mais funcional, no entanto não dominam, nem lhes é fácil acesso”.*¹²²

Assim comparando com o conceito de língua, o que é importante em relação a crioulo é a origem, o processo da formação que é excepcional em contexto socio-linguístico. Aquelas condições sociais foram muitas vezes o resultado da escravatura. Portanto, o aparecimento dos crioulos é temporalmente ligado à época dos

¹¹⁹ Cunha – Cintra, op. cit.

¹²⁰ Idem, p. 1.

¹²¹ Pereira, op. cit. p.13.

¹²² Idem, p. 15.

Descobrimentos apesar “*na verdade, a maioria dos crioulos conhecidos surgiu entre o início do século XVI e o século XVIII*”¹²³.

Contudo, quanto à designação de uma língua a crioulo, há duas possibilidades: uma língua é chamada crioulo seja pelos seus falantes que a desse modo chamam ou seja pelos linguístas que a classificaram à base dos critérios acima mencionados.¹²⁴ No entanto, hoje em dia o termo crioulo é “*um conceito teórico que é aplicável a um conjunto de línguas existentes ou possíveis*”¹²⁵.

Por fim, depois da explicação dos termos linguísticos básicos em relação ao Santome, nomeadamente o que é dialecto, língua e crioulo, podemos constatar que: o Santome não é um dialecto, porque não se trata de uma variedade regional da língua portuguesa; o Santome é uma língua que por causa da sua formação especial tem que ser denominada como crioulo de base lexical portuguesa.

3.3 Características gerais de crioulo

3.3.1 Evolução de crioulo

Acabamos de designar que o Santome é crioulo e agora vamos falar sobre a evolução de crioulo em geral.

Do ponto de vista socio-linguístico, na primeira fase do processo da formação de qualquer crioulo é um pidgin, que é praticamente a língua básica de um crioulo. De acordo com Pereira é definido como:

“[uma]foma de linguagem criada por falantes de diferentes línguas maternas, convivendo em comunidades relativamente estáveis, quando se sentem obrigados, por razões de sobrevivência, a comunicar entre si, embora num conjunto restrito de situações. Para tanto, recorrem inicialmente a um léxico reduzido, em geral da língua do grupo dominante, que estruturam de forma idêntica à dos falantes adultos em fase inicial de aprendizagem de uma língua não materna, em contexto natural”.¹²⁶

¹²³ Pereira, op. cit. p.14.

¹²⁴ Idem, p. 22.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Pereira, op. cit. p. 118.

Contudo, pidgin não sempre passa ao crioulo. Pode desaparecer ou estabilizar-se, assim o chamamos pidgin estável, ou crioulisar-se, quer dizer que passa ao crioulo. Aí, a fase do pidgin criouloizado demora aproximadamente 30-50 anos. Esse processo de crioulição é uma complexificação e sistematização da gramática e do léxico e acontece quando o pidgin se torna a língua materna de uma comunidade.¹²⁷

Como se trata das línguas orais, do quotidiano, não têm uma forma escrita normalizada. Este facto também “ajuda” o processo da descrição, o que significa que crioulo basilectal¹²⁸ sucumbe à influência da língua de superstrato e torna-se crioulo acrolectal¹²⁹, bem falado da geração mais nova e até pode desaparecer.

3.3.2 Características linguísticas ao nível de fonética

Do ponto vista da fonética, existe uma regra que é presente nas línguas crioulas e que é válida nas línguas africanas ocidentais. Trata-se da estrutura silábica básica CV, quer dizer uma consoante com uma vogal a seguir. No caso de alguns crioulos esta regra é aplicada a verbos, que nunca começam com uma vogal. Com isto é relacionada também uma omissão ou um aditamento de um ou mais sons no início, no meio ou no fim da palavra. Esta omissão na maioria dos casos toca uma consoante de uma palavra europeia para respeitar a regra de CV. No caso de aditamento de um ou mais sons, a tendência dos crioulos antigos era de adicionar uma vogal à uma palavra para obviar uma consoante final ou um grupo das consoantes, p. ex. no crioulo do Santome *dumini* de português *dormir*. Contudo, hoje em dia, devido à descrição, já existe uma tolerância de haver um consoante final mas não haver um grupo das consoantes no fim da palavra. Aqui há também uma diferença entre os crioulos do Golfo da Guiné, que respeitam essas regras fonológicas e os crioulos da Alta Guiné que admitem as consoantes finais. Mas este facto não é causado pelo processo de descrição, mas

¹²⁷ Pereira, op. cit. p.118.

¹²⁸ De acordo com Pereira, o crioulo basilectal (ou fundo) é definido como “conjunto das variedades de um crioulo menos influenciadas por uma língua de contacto. Em geral, são os falantes monolíngues que, sobretudo em contextos informais, falam crioulo mais fundo”. (Pereira, op. cit. p. 117)

¹²⁹ Com as palavras de Pereira, o crioulo acrolectal (ou leve) é “conjunto das variedades de um crioulo mais influenciadas por uma língua de contacto. São os falantes bilingues, com maior grau de instrução, que em contextos mais formais, tendem a falar crioulo mais leve. Há, no entanto, falantes que dominam variedades leves e fundas, usando-as segundo os contextos comunicativos”. (Pereira, op. cit. p. 117)

por facto que dois grupos dos crioulos portugueses têm as línguas de substrato diferentes dentro de uma família nigero-congolesa.¹³⁰

Além da estrutura silábica CV, do ponto de vista da fonética e fonologia os crioulos caracterizam-se também pelos processos de uma monotongação dos ditongos da língua de superstrato, p. ex. *deitar* (port.) – *deta* (o crioulo de Cabo Verde); uma nasalização fonética das vogais, p. ex. *ben* (vir) no crioulo caboverdiano; e de uma palatalização das consoantes. Quanto à última mencionada, a palatalização é provocada pela vogal anterior fechada que muitas vezes palatiza uma consoante anterior. Bem marcante é também uma reduplicação não só das vogais, mas também de toda a sílaba, que, com outras marcas partilhadas, resulta numa “musicalidade” que, na verdade, é de origem africana e é típica para as línguas africanas.¹³¹ Sem dúvida, o ritmo e prosódia são mesmo importantes para os crioulos.

3.3.3 Características linguísticas ao nível de morfologia

Do ponto de vista das categorias morfológicas, há algumas regras, pelas quais são os crioulos caracterizados. Por exemplo, os nomes crioulos não indicam número. Portanto, a pluralidade é expressa por aditamento de um morfema livre ao nome, que corresponde à 3ª pessoa de plural ou pela expressão de um pronome demonstrativo.¹³²

Em relação aos artigos, nos crioulos em geral não há artigos embora existam algumas excepções representadas, por exemplo, pelo crioulo de Cabo Verde que nos certos casos permite um artigo¹³³. Hoje em dia, a utilização dos determinantes é mais frequente por causa do processo de descrioulização progressiva. Apesar disso, muitas vezes os nomes aparecem com um determinante nulo, não expesso.¹³⁴

Quanto ao género, a maioria dos nomes e adjectivos crioulos são na forma masculina, apesar de hoje em dia, devido ao processo de descrioulização, a forma feminina derivada do nome masculino já poder ocorrer mais frequentemente. Por

¹³⁰ Holm, J. *Pidgins and Creoles: Volume 1 – Theory and Structure*. Cambridge: Cambridge University Press 1988, pp. 108-113.

¹³¹ Idem, pp. 107-137.

¹³² Holm, op. cit. p. 193.

¹³³ Pereira, op. cit. p. 34.

¹³⁴ Das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

exemplo, *mininu – minina* no crioulo de CV (port. menino – menina); a forma feminina já é bem utilizada devido à influência da língua portuguesa.¹³⁵

Chegando aos pronomes, não há pronomes reflexivos. Também nas conjunções existe uma regra universal para os crioulos; trata-se da conjunção copulativa “e” (port.) que pode ser expressa de duas maneiras, dependendo de que conjuga: primeira variedade ocorre entre as orações (no crioulo de CV *y*), segunda variedade ocorre entre as partes da mesma oração (no crioulo de CV *ku*). Todavia, se a conjunção “e” ocorre no segundo caso, aí pode exprimir também a preposição “com” (port.).¹³⁶ Chegando à preposições, a maioria dos crioulos atlânticos contém a preposição locativa universal *na*, com as suas formas relativas *ina*, *nã*, *da*, *a* que, todavia, pode ser traduzido por muitas maneiras como “em”, “de” (port.), dependendo de contexto.¹³⁷

Apesar de tudo, uma das categorias morfológicas mais importantes é verbo. Basicamente os verbos dos crioulos atlânticos não têm flexões; o verbo não muda a sua forma, não tem marca de tempo, nem número, nem de pessoa. Contudo, “[já] *podem incluir as reminiscência fossilizadas das conjugações europeias*”¹³⁸, o que acontece nos crioulos de base inglesa: *marid* “to marry”. Como os verbos não têm flexões, o sujeito tem que ser presente, expresso para sabermos o sentido da oração.

Todavia, os verbos são precedidos pelas marcas que indicam tempo, modo e aspecto. Estas marcas correspondem semanticamente e sintaticamente mais às marcas de tempo e aspecto preverbal em muitas línguas africanas, ainda que muitas vezes tenham uma parte dos verbos auxiliares da língua de superstrato, veja tabela 1 no anexo.¹³⁹

3.3.4 Características linguísticas ao nível de lexicosemântica

Do ponto de vista da lexicosemântica, a maioria do léxico é de origem da língua de superstrato, o que pode ser português, inglês, francês, espanhol ou holandês. Isto significa que o número das palavras de origem das línguas de substrato, em conjunto das línguas africanas, é praticamente prescindível. Contudo, a influência das línguas africanas é muito mais extensiva na semântica das palavras crioulas. Por exemplo, em

¹³⁵ Das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ Holm, op. cit. pp. 207-208.

¹³⁸ *Idem*, p. 148.

¹³⁹ *Ibidem*.

relação ao Santome, a palavra “pau” em português europeu refere-se a uma “madeira” ou a uma “bengala” mas devido à influência africana em crioulo de São Tomé refere também ao significado de “um árvore”.¹⁴⁰ Portanto, nesse caso do lado de um nativo português pode facilmente ocorrer uma intercompreensão falsa e por isso falamos sobre os falsos amigos¹⁴¹.

Que é bem frequente e típico para os crioulos em geral, é um processo de “decalque”, o que significa uma tradução das palavras ou das idiomias à outra de maneira de palavra-a-palavra (morfema-a-morfema). Aplicando, trata-se de um processo de “decalque” das palavras e as frases africanas. Este processo influencia, entre outros, as regras de formação das palavras, porque na maioria dos crioulos a marca do sexo de um indivíduo é indicada pela justaposição da palavra para “masculino” ou “feminino”. Por exemplo, “filho” em português diz-se “mina mosu” no Santome, de que “mina” significa “criança” e “mosu” significa “masculino”. O mesmo se aplica para “filha”, então dizemos “mina mosa”.¹⁴²

No nível da lexicologia, uma característica que os crioulos têm comum é uma reduplicação das palavras, o que existe também em muitas línguas africanas.. Trata-se de uma possibilidade de formação de nova palavra, que inclui uma repetição de uma palavra ou uma parte de uma palavra de que afinal surge um item lexical distinto com um significado direfente. Na maioria dos casos falamos sobre uma reduplicação dos adjectivos ou advérbios, p. ex. *djan-djan* (já já) no crioulo do Santome significa *depressa* em português. Semanticamente a reduplicação pode referir a um superlativo absoluto, a uma acumulação das coisas mínimas, a uma ideia de distribuição ou reiteração.¹⁴³

3.3.5 Características linguísticas ao nível de sintaxe

A estrutura sintática de um crioulo de base da língua europeia convém não só as marcas das línguas africanas, de substrato, mas também as marcas das línguas europeias, de superstrato. Entretanto, às vezes as duas podem recobrir. Por exemplo, a

¹⁴⁰ Holm, op. cit. pp. 82-83.

¹⁴¹ “*Un falso amigo es una palabra de otros idiomas que se parece, en la escritura o en la pronunciación, a una palabra en la lengua materna del hablante, pero que tiene un significado diferente.*” Acessível de http://es.wikipedia.org/wiki/Falso_amigo [cit. 24.3.2011]

¹⁴² Holm, op. cit. p. 86.

¹⁴³ Idem, pp. 88-89.

estrutura básica das categorias sintáticas na frase crioula é sujeito-verbo-objecto (SVO). Isto pode ser uma influência seja das línguas africanas de substrato (nas línguas de Niger-Congo é utilizado SVO, na línguas de Bantu SVO sem objectos pronominais mas SOV com objetos pronominais) ou seja de línguas europeias de superstrato cuja estrutura mais frequente é SVO.¹⁴⁴

Continuando com o termo de expressão verbal, a expressão verbal é muito importante nos estudos crioulos porque serve como uma marca de distinção das variedades crioulas de não crioulas da mesma base lexical¹⁴⁵. Como já mencionei no subcap. 3.3.3, por falta das flexões de verbo, o sujeito tem que ser sempre presente.

Do ponto de vista de verbo e a sua complementação na oração, o complemento indirecto é sempre situado antes do complemento directo e nunca é introduzido pela preposição.¹⁴⁶ Então com outras palavras, “*o verbo seguido de dois complementos, sem qualquer marca gramatical a assinalá-los e em que o complemento em que se refere à entidade que recebe (em port. CI) vem antes, imediatamente a seguir ao verbo*”¹⁴⁷.

Quanto a negação, o modelo sintático crioulo para negação corresponde ao do português e espanhol, quer dizer a marca de negação está na posição preverbal (em português corresponde a “não”). Contudo, este modelo é utilizado também na línguas africanas ocidentais.¹⁴⁸ De acordo com Bickerton: “*in creoles generally, nondefinite subjects as well as nondefinite VP [the verb phrase] constituents must be negated, as well as the verb, in negative sentences*”¹⁴⁹. Esta afirmação significa que a negação múltipla é muito frequente nos crioulos; assim é preciso repetir a negação. Por exemplo no crioulo de Cabo Verde diz-se: *Ninhum algeen ka ten nada* – *Ninguém alguém não tem nada* (port.), o que em português não é possível.

Alguns crioulos atlânticos utilizam a partícula negativa dupla, quer dizer uma antes da expressão verbal e outra no fim da oração. Este modo é transportado das línguas africanas e ocorre nos crioulos do Golfo da Guiné. Ao contrário, no caso dos crioulos da

¹⁴⁴ Holm, op. cit. pp. 144-147.

¹⁴⁵ Junto com uma referência da história socio-linguística de uma língua, veja 2.2 e 2.2.1.

¹⁴⁶ Das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

¹⁴⁷ Pereira, op. cit. p. 88.

¹⁴⁸ Holm, op. cit. p. 172.

¹⁴⁹ Bickerton, D. *Dynamics of a creole system*. Cambridge: Cambridge University Press 1975, p. 65.

Alta Guiné (Cabo Verde, Guiné-Bissau) a partícula negativa é *ka* e etimologicamente é deduzida de português *não* ou *nunca*.¹⁵⁰

3.4 Características de crioulo de São Tomé

3.4.1 Os traços do crioulo no Santome

Agora vamos ver algumas características gerais de crioulo, que mencionei no subcapítulo anterior, na prática, quer dizer aplicá-las no crioulo Santome. Portanto, escolhi um texto no crioulo Santome (A), elaborado pela professora Dulce Pereira, que o redigiu à base da história oral das meninas são-tomenses, Eola e Leonaide. Com ajuda de Dulce Pereira fiz uma tradução para o português (B).

A) Makaku ku tataluga

Õa djá makaku pê posta ku tataluga kuma ê ká nganh-é ni kolê, punda ê ka ndá djan-djan, tataluga ka nda leve-leve. Nguê ku ka nganhá kolê sé ka tomá ãa pali sapatu ni mon sun alê. Tataluga plufiá kuma ê ka nganhá.

Djá di kolê, tataluga lantá plama sédu ba wangá bôbô pê stlada. Ola ku kolê komesá, makaku tava ni wê, maji ola ê dá ku bôbô ê mundjá, kumé iô bôbô, dumini. Tataluga bi ãa ãa pasu pasá makaku ni stlada bá ké di sun alê, kondê. Ola makaku kodá ê kolê ãa flogô, xigá palaxu, ka glitá:

- Sun alê ê, Sun alê, N ganhá posta. Da mu plémi ku toka mu.

Só só só, sun alê kuji:

- Hun-hun, inó ê, bô na nganha fã, pundá tataluga xigá txolá zá.

Só tataluga xê ni kamiá ku ê tava n'ê, fla makaku:

- Bô ka ndá djan-djan maji N sa maxi supetu dô kê bô.

Estória contada por Eola e Leonaide¹⁵¹

¹⁵⁰ Holm, op. cit. pp. 172-173.

¹⁵¹ A história é graficamente adaptada por Dulce Pereira.

B) O Macaco e a tartaruga

Um dia o macaco pôs a posta com a tartaruga, em como ele ganhava-a na corrida, porque ele andava depressa, tartaruga andava lentamente. Alguém que ganhasse aquela corrida, tomava um par dos sapatos das mãos do Senhor Rei. A tartaruga insistiu em ganhar.

O dia da corrida, a tartaruga levantou muito cedo para ir espalhar uma banana madura por estrada. Quando a corrida começou, o macaco era na frente, mas quando deu com banana parou, comeu aquela banana, dormiu. A tartaruga veio passo a passo, ultrapassou o macaco na estrada, ali foi à casa do Senhor Rei, escondeu-se. Quando o macaco acordou, correu muito, chegou ao palácio, gritou:

- O Senhor Rei, Senhor Rei, ganhei a posta. Dê-me o prémio que me toca.

Então, o Senhor Rei respondeu:

- Um momento, tu não ganhaste, porque a tartaruga chegou já muitas horas atrás.

Então a tartaruga saiu do caminho em que estava, disse ao macaco:

- Tu andas muito rápido mas eu sou mais esperta de que tu.

3.4.1.1 Características linguísticas ao nível de fonética

De ponto de vista da fonética, a estrutura silábica básica de consoante-vogal CVCV é bem visível na maioria das palavras, por exemplo *tataluga* (port. tartaruga), *supetu* (esperto,a) etc. Contudo, podemos ver que as palavras como *sun* (senhor), *mon* (mão), *djan* (depressa, rápido), acabam pela consoante nasal na escrita que, no entanto, na forma de pronúncia significa uma nasalização fonética da vogal /a/ para /ã/. Bem frequente é também um processo quando as consoantes alveolares vibrantes se transformam nas consoantes laterais, concretamente a consoante R da língua portuguesa à consoante L no crioulo do Santome; alguns exemplos do texto: *tataluga* (tartaruga), *kolê* (corrida), *stlada* (estrada), *glitá* (gritar).

Quando falamos sobre a consoante R, a letra R de língua portuguesa pode ser representada por duas maneiras no crioulo do Santome; pode ser ora transformada na consoante alveolar lateral (L), ora simplesmente omissa como, por exemplo, no caso de *tataluga* (tartaruga), *supetu* (esperto,a). Esta mudança é causada pela influência das línguas africanas.¹⁵²

¹⁵² Das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

Outro processo semelhante acontece com a letra V de língua portuguesa, que nos crioulos de base portuguesa é geralmente trocada pela letra B. A troca de B a V é designada como um fenómeno de betacismo que é um traço de português antigo do sec. XVI e que significa “[uma] inexistência de oposição fonológica entre os fonemas /b/ e /v/; [...] há apenas um único fonema /b/ com duas realizações: /b/ fricativado em posição intervocálica e, nos restantes contextos, /b/ oclusivo sem fricativação.”¹⁵³ No caso do crioulo caboverdiano esta transformação da letra V à letra B tornou-se uma regra fixa, mas no caso do Santome podemos ver que é variável; por exemplo existe *bi* (vir), mas na palavra *leve* (lento, lentamente) a letra V fica.¹⁵⁴

É necessário dizer que apesar de crioulo não tem oficialmente nenhuma norma escrita, existe uma regra que diz o que se ouve, também se escreve. E portanto essas trocas de R a L ou V a B realizam-se não só na pronúncia, mas também se revelam na forma escrita.

Quanto à reduplicação, que é em geral utilizada frequentemente, há a reduplicação das vogais como *dumini* (dormir); a reduplicação silábica como por exemplo *bôbô* (banana), *tataluga* (tartaruga) e reduplicação da palavra no caso de *djan-djan* (depressa), *leve-leve* (lentamente), *só só só* (então), *ũa uã* (mais, muito), que serve para exprimir a maior intensividade ou quantidade, ou seja superlativo absoluto. A repetição, ou seja a reduplicação das palavras é um elemento muito utilizado na fase do pidgin, em que pode ser interpretado de várias maneiras; pode designar a quantidade como por exemplo *fala fala* significa *fala(r) muito* mas também possivelmente o passado *ontem falou*.

Ainda mais o que podemos deduzir do texto A é, que todas estas mudanças da língua levam ao ponto de respeitar a estrutura básica consoante-vogal e assim através das repetições evocam e suportam uma musicalidade africana da palavra falada.

Por fim, comparando com as características gerais de crioulo ao nível de fonética, o crioulo do Santome partilha algumas características que mencionei no subcap. 3.3.2, nomeadamente na maioria dos casos respeita-se a estrutura silábica básica CVCV via uma omissão ou um aditamento possível de um ou mais sons e bem frequente é também uma reduplicação silábica ou das vogais. Além disso, tudo resulta numa musicalidade africana.

¹⁵³ Acessível de <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=14981> [cit. 19.6.2011]

¹⁵⁴ Das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

3.4.1.2 Características linguísticas ao nível de morfologia

Acabando de falar sobre a fonética, chegamos ao ponto das classes morfológicas. Os nomes no crioulo do Santome sempre ocorrem sem artigos e os próprios não indicam número; como por exemplo *bôbô* – banana (em port.). Já sabemos que se trata de singular, porque não há nenhum sinal de pluralidade que fosse expresso por aditamento de uma morfema livre ao nome que corresponda à 3ª pessoa de plural ou por um pronome demonstrativo. Contudo, no texto A encontramos uma expressão de *iô bôbô*, de que *iô* é um pronome demonstrativo e significa *aquela* em português. Todavia, nesse caso não se trata de um sinal de pluralidade, porque temos que ligar ao contexto anterior em que se fala sobre “um banana”. Portanto, nestas condições o pronome demonstrativo tem a função de destacar que se trata exactamente daquela banana, quer dizer desempenha o papel do artigo. Mencionando os pronomes, o crioulo de Santome não tem os pronomes reflexivos; por exemplo *kondê* – escondeu-se (em port.).

Uma observação a substantivos e pronomes, no texto A podemos ver que “[o Santome] faz a distinção de pessoa e de número através do sujeito, nomeadamente através dos pronomes pessoais rectos como *n (eu)*, *bô (tu)*, *inen (eles)*”¹⁵⁵; neste caso é (ele, ela). E porquanto o verbo não tem flexões, o sujeito está sempre presente, expressivo.

Quanto aos adjectivos, não encontramos um adjectivo na forma feminina; há só na forma masculina. Por exemplo, quando a tartaruga fala sobre si próprio: [...] *N sa maxi supetu dô kê bô*. – [...] *eu sou mais esperta de que tu*. Disso decorre que o crioulo do Santome não tem nenhuma necessidade de exprimir género.

Já no título da história *Makaku ku tataluga* (O Macaco e a tartaruga) podemos ver a conjunção copulativa *ku* (no sentido de *e*), que apenas afirma a regra que *ku* se utiliza entre as partes da mesma oração ao contrário de *y* (no mesmo sentido de *e*), que se utiliza entre as orações.

A classe de palavras mais complicada é, sem dúvida, a classe de verbos. Os verbos não têm flexões, portanto há umas marcas na posição preverbal que designam tempo, modo e aspecto como já foi dito no subcap. 3.3.3. Por exemplo: o verbo *komasá* (começar) não muda a sua forma e sem nenhuma marca refere ao passado (começou), ou a expressão verbal *ka ndá* já refere ao aspecto habitual (andava). Essas marcas correspondem àquelas mencionadas na tabela do Anexo 4.

¹⁵⁵ Pereira, op. cit. p. 36.

Continuando mais concretamente, o tempo mais utilizado no texto A é pretérito perfeito simples (em port.) que é representado pelo verbo – estativo não marcado. O verbo só automaticamente remete ao passado e à acção pontual e acabada. Por exemplo: [...] *makaku kodá ê kolê [...], xigá palaxu [...]* - [...] *macaco acordou, correu [...], chegou ao palácio*. Outro tempo que ocorre no texto A é pretérito imperfeito (em port.) que aí é representado por KA + verbo - estativo; por exemplo *ê ka ndá* (ele andava). Embora esta estrutura refera à presente habitual ou a uma ideia de futuro, é traduzida por pretérito imperfeito, porque se trata de uma história contada no passado. Todavia, sempre remete a um aspecto habitual, à situação durativa, não actualizada e depende do contexto e de uma sequência temporal. Por exemplo: *Ũa djá makaku pê posta ku tataluga kuma ê ká nganh-é ni kolê, punda ê ka ndá djan-djan, tataluga ka nda leve-leve* (Um dia o macaco pôs a posta com a tartaruga, em como ele ganhava-a na corrida, porque ele andava depressa, tartaruga andava lentamente.). Entretanto, no caso de discurso directo e, portanto, corresponde à presente. Tirando do texto A: [...] *fla makaku*: - *Bô ka ndá djan-djan [...]*, em port. [...] *disse ao macaco*: - *Tu andas muito rápido [...]*. Concluindo, podemos dizer que os tempos se diferem da língua portuguesa não só na formação, mas também a utilização.

Quanto à negação, no Santome existe negação múltipla, veja mais no subcap. 3.3.5, que é bem visível numa frase de texto A: [...] *inó ê, bô na nganha fá, [...]* - [...] *tu não ganhaste, [...]*. Neste caso *inó* corresponde à negação frásica e a expressão *na....fa* é uma partícula negativa dupla que é típica para o Santome. Em relação à sua posição na frase, *na* sempre ocorre antes da expressão verbal e *fa* no fim da oração.

Em relação à reduplicação, é frequente no caso dos advérbios como *djan-djan* (depressa, rápido). Falando dos advérbios, há o advérbio *za*, que é inferido de português *já* e que tem, ao contrário do português, a sua posição fixa depois do verbo.¹⁵⁶ Um exemplo tirado do texto A: [...] *tataluga xigá txolá zâ* - [...] *a tartaruga chegou já muitas horas atrás*.

Por fim, do ponto de vista de morfologia podemos encontrar muitos traços de crioulo no crioulo do Santome. Principalmente, os nomes geralmente não indicam número nem género e, portanto, a pluralidade é expressiva, entre outros, pelo adicionamento de um morfema livre, p. ex. *mon* (as mãos). Em relação ao género, nem nomes nem adjetivos no Santome fazem distinção em género, e, portanto, existem só na forma masculina. A

¹⁵⁶ Holm, op. cit. p. 163.

seguir, não há artigos nem pronomes reflexivos e o processo de reduplicação principalmente dos adjectivos é bem frequente.

3.4.1.3 Características linguísticas ao nível de lexicosemântica

Já da primeira vista podemos constatar, que a maioria das palavras são-tomenses é da origem da língua portuguesa como por exemplo *makaku* (macaco), *nganhá* (ganhar), *komesá* (começar), *stlada* (estrada) etc. Porém, à base da semelhança formal, há muitos “amigos falsos”, por exemplo ilustrando com o texto o verbo *fla*. Sem nenhum conhecimento dizíamos, que se trata de uma palavra da origem portuguesa e traduzíamos-a como *falar*. Mas esta interpretação seria falsa. Esta palavra senão é de origem portuguesa, de *falar*, mas provavelmente era utilizada em outro contexto e portanto significa *dizer*. Esta interpretação vale não só no crioulo do Santome, mas também no crioulo caboverdiano.

Concluindo, as palavras de origem portuguesa muitas vezes receberam a semântica das palavras africanas, o que também é característico para crioulo.

3.4.1.4 Características linguísticas ao nível de sintaxe

Chegando a sintaxe, a ordem básica das categorias sintáticas na frase é sujeito-verbo-objecto (SVO), o que corresponde à característica geral de crioulo, junto com o facto que o sujeito tem que ser sempre presente.

Do ponto de vista dos objectos, o objecto indirecto não é introduzido pela preposição, o que é obrigatório em português; por exemplo *fla makaku – disse ao macaco*. Contudo, podemos ver uma influência da língua portuguesa ao Santome no processo de ênclise. Trata-se de uma substituição do objecto directo ou indirecto pelo pronome pessoal oblíquo átono directo/indirecto e adição ao verbo através um travessão. Por exemplo: *ê ká nganh-é – ele ganhava-a* (do contexto) ou *ele vai ganhá-la* (sem contexto).

Concluindo, o Santome tem os traços linguísticos de crioulo também ao nível de sintaxe.

Por fim, de ponto de vista de fonética, morfologia, lexicosemântica e sintaxe demonstrei que todas as características linguísticas que tem o crioulo do Santome são idênticas com as características linguísticas gerais de crioulo.

3.4.2 A especificidade de crioulo de São Tomé

Tendo acabado de constatar que o crioulo do Santome comparte todos os traços gerais de crioulo, em que consiste a sua especificidade? Por partilhar as características de crioulo no crioulo caboverdiano e o crioulo do Santome, queria demonstrar, que a especificidade do crioulo do Santome consiste em maior grau de aportuguesamento do substrato africano, principalmente no léxico, e assim logicamente em menor influência do português.

Porém, além do grau diferente do complemento africano, esses crioulos diferem-se também no próprio substrato africano. No caso do crioulo Santome falamos sobre o substrato africano em que predominam as línguas de Bantu, concretamente a língua de Kikongo, e no segundo lugar são as línguas Kwa, das quais predomina a língua Bini. Quanto ao substrato africano no crioulo caboverdiano, trata-se do mandinga, o wolof e do timené como as línguas africanas que predominam¹⁵⁷. Contudo, todas estas línguas africanas pertencem à mesma família linguística nígero-congolesa, cujos traços são nos crioulos Atlânticos.

Em relação ao português, o crioulo caboverdiano é mais próximo ao português, com outras palavras, há maior semelhança das palavras crioulas com as palavras da língua portuguesa. Contudo, é necessário sublinhar que se trata apenas da forma escrita, eventualmente oral das palavras, porque do ponto de vista da semântica o significado de uma palavra crioula pode ser diferente do significado da palavra de origem portuguesa, de que é deduzida (veja subcap. 3.3.4); por exemplo o verbo *fala* no crioulo de Cabo Verde não se refere a *falar*, como nós esperarmos, todavia, significa *dizer* em português. O verbo *falar* diz-se *papia* no crioulo caboverdiano.

Entretanto, a maior influência linguística da língua portuguesa ao crioulo caboverdiano é causada, entre outras coisas, de um contacto praticamente contínuo com os portugueses desde a sua descoberta e de uma permanência longa dos colonizadores portugueses no arquipélago de Cabo Verde. Devido à sua posição vantajosa e à proximidade relativa entre Portugal e a sua primeira colónia na África, o crioulo de Cabo Verde é mais marcado pela influência da língua portuguesa do que outros crioulos da mesma base.

¹⁵⁷ Quint, N. *Línguas Crioulas num Contexto de Globalização - O caboverdiano: uma língua mundial*, p. 2. De <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/19/323> [cit. 20.6.2011]; Nicolas Quint é um investigador francês do Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica.

Nesse ponto distingue-se também o crioulo do Santome, que devido à sua história socio-linguística (veja mais cap.1) ficou quase um século (cca. 1550 – 1650) sem contacto com português e assim captou a sua maturidade com maior complemento africano.

Quanto à influência das línguas africanas, como já mencionei, no crioulo caboverdiano predominam as línguas do mandinga, o wolof e do timené. Este facto decorre da história socio-linguística do arquipélago Cabo Verde, o seu povoamento e o tráfico dos escravos africanos. Desde o fim do século XV, os escravos africanos foram levados para o arquipélago geralmente da costa africana ocidental, concretamente de zona entre Dakar (Senegal) e a Serra Leoa (veja Anexo 2)¹⁵⁸, onde se falava principalmente as línguas do wolof, a norte do rio Gâmbia, e do mandinga¹⁵⁹, a sul do mesmo rio.¹⁶⁰ Ao lado dessas línguas principais que formam o substrato africano no crioulo caboverdiano, é ainda a língua do timené, que é até hoje falada no sul da província de Gabu na Guiné-Bissau¹⁶¹, cujos falantes naquela altura eram também trazidos para o arquipélago de Cabo Verde.

Quanto ao crioulo do Santome, como já mencionei na história socio-linguística de São Tomé (veja subcap. 1.1), os primeiros escravos foram derivados da costa africana ocidental, concretamente da Enseada do Benim onde se falava as línguas Kwa e do Reino do Congo, hoje em dia a região Congo-Angola, onde se falava as línguas Bantu. Todavia, quanto ao substrato africano no crioulo do Santome, predominam as línguas Bantu, nomeadamente a língua Kikongo.¹⁶² Por outro lado, a língua Kimbundo da família Bantu, que era também falada no sul do Reino do Congo, concretamente no Reino de Angola, não se encontra nada no Santome, senão no Angolar¹⁶³. Todavia, em relação às línguas de substrato no Santome, o segundo lugar ocupam as línguas Kwa, das quais a maior influência pertence à língua Bini.

¹⁵⁸ Trata-se dos países como o Senegal, Gâmbia e Guiné-Bissau.

¹⁵⁹ “O termo *mandinga* é aqui considerado no sentido lato da palavra, abrangendo o conjunto das populações (*mandingas da Guiné, bambarófonos, malinkés...*) que se reivindicam como herdeiras da tradição cultural do império Mandé e cujas línguas são hoje tão próximas entre si como as línguas românicas.” (Quint, op. cit. p. 2.)

¹⁶⁰ Ibidem.

¹⁶¹ Acessível de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/timen%C3%A9> [cit. 20.6.2011]

¹⁶² Ferraz, op. cit. p. 5, 12.

¹⁶³ Hagemeyer, op. cit. p. 16.

A influência das línguas africanas ocorre principalmente na fonologia e na sintaxe do crioulo do Santome¹⁶⁴. Algumas referências já mencionei no subcap. 3.4.1, ilustrando-as por uma história são-tomense. Repetindo e sublinhando, as marcas típicas das línguas africanas incluem a estrutura básica silábica CV como p. ex. *Fela xa lólô*. (O mercado farto.) ; a laterização das consoantes alveolares vibrantes - a lateral /l/ substitui o português vibrante /r/ e /R/, p. ex. *tłaxi* (trás) ; a nasalização das vogais, p. ex. *men ku mina* (a família) e uma reduplicação das sílabas, p. ex. *lólô* (farto).

Ao contrário do Santome, o crioulo caboverdiano também respeita a estrutura básica silábica CV, tendo dado esta propriedade africana ao léxico português, como p. ex. *Kabu ka staba sima e dexaba*. (O sítio não estava como ele o tinha deixado). Neste exemplo podemos ver também uma característica típica para o crioulo caboverdiano, que é uma monotongação dos ditongos: *dexaba* – tinha *deixado*. Contudo, quanto a outras características fonéticas mencionadas no caso do Santome, podemos dizer que praticamente não valem ou, pelo menos no menor grau, no crioulo caboverdiano. Nomeadamente, a laterização das consoantes alveolares vibrantes não ocorre no crioulo caboverdiano, p. ex. *tera* (terra), *tras* (trás). A seguir, a nasalização das vogais é presente, p. ex. *ben* (vir), porém não se trata de uma influência africana, porque nesse caso a palavra *ben* surgiu de *vem*, de uma forma do verbo *vir* que era mais utilizada. Afinal, uma reduplicação das vogais também não ocorre.

Concluindo, comparando com o Santome, o crioulo caboverdiano não partilha as características africanas ao nível fonético, ou seja, tem menor grau da influência africana na fonética.

Apenas para completar as referências sobre a fonologia, o Santome tem o sete-vogal sistema /i, e, ε, a, o, ɔ, u/ e ainda mais cinco vogais nasais /ã, ê, ã, õ, ã/¹⁶⁵, o que também refere ao sistema fonético do crioulo caboverdiano. A seguir, nos crioulos de Golfo da Guiné a schwa português /ə/ corresponde o som /i/, como p. ex. *grande* /ə/ (port.) significá *nglãjĩ* no Santome e *grandi* no crioulo caboverdiano.¹⁶⁶ Outra característica que os crioulos de Golfo da Guiné têm em comum é que o fonema /a/ corresponde não só ao

¹⁶⁴ Ferraz, op. cit. p. 5.

¹⁶⁵ Idem, p. 19-20.

¹⁶⁶ Holm, op. cit. p. 116.

fonema /a/ do português, p. ex. *tasu* (Santome) – tacho /tašu/ (port.), mas também ao fonema /ɐ/, p. ex. *kada* (Santome) – cada /kɛdɛ/ (port.).¹⁶⁷

Concentrando mais ao Santome, a fonologia do crioulo do Santome foi influenciada pela língua de Kikongo, o que é afirmado pela marca encontrada tanto na língua de Kikongo como no Santome: as consoantes palatoalveolares são complementadas pelo seu oposto não palatal. Aplicando ao crioulo do Santome, as palatoalveolares [tʃ], [dʒ], [ʃ] e [ʒ] ocorrem apenas antes das vogais anteriores fechadas /i, ĩ, y/, p. ex. *kêci* /kɛtʃi/ (quente), entretanto as consoantes não palatais correspondidas [t], [d], [s] e [z] ocorrem em outros casos de vogais que não sejam anteriores, p. ex. *bisu* (bicho).¹⁶⁸

Quanto à influência africana na morfologia, o Santome tem maior grau do substrato africano de que o crioulo caboverdiano. No Santome, os pronomes possessivos e demonstrativos ocorrem sempre depois do nome, p. ex. *mina mun* (a minha menina), o que é uma característica africana. Porém, no caso do crioulo caboverdiano vale o contrário, quer dizer que os pronomes possessivos e demonstrativos ocorrem sempre antes do nome, p. ex. *nha cretcheu* (o meu querido/a minha querida). No Santome, o pronome *a* significa *alguém* e ocorre antes do verbo¹⁶⁹, o que é semelhante com *algeen* (alguém) no crioulo caboverdiano que ocorre sempre antes do verbo.

No Santome não há artigos, só existe um determinante demonstrativo *sê*. No caso do crioulo caboverdiano há pronomes demonstrativos como p. ex. *kel* (aquele/a), *kes* que pode recorrer ao artigo definido plural como p. ex. *kes mininu fêmia (ki bu konxe)* – as meninas (que tu conheces) ou em outros contextos pode recorrer a um demonstrativo *aqueles, aquelas*.¹⁷⁰

A seguir, típico para o Santome e para o crioulo caboverdiano mais basilectal é uma duplicação das palavras, o que é bem frequente, como p. ex. *Oxi/Oji txuba txobe*. (crioulo de CV) – *Hoje chove* ou *ũa-ũa (um-um)* que afinal significa *mais, muito*.

Afinal, no santome há uma distinção entre as palavras *cá* e *ká*, mesmo que pareçam mesmas. *Cá* é um advérbio locativo e tem mesmo significado como o português *cá*, utilizando nas orações como *En cá cumê. - Eu estou aqui a comer*.¹⁷¹ E por outro lado,

¹⁶⁷ Holm, op. cit. p. 117.

¹⁶⁸ Idem, p. 131.

¹⁶⁹ Holm, op. cit. p. 204.

¹⁷⁰ Pereira, op. cit. p. 35.

¹⁷¹ Holm, op. cit. p. 155.

ká é derivado de português *ficar* e funciona como uma marca habitual, que corresponde a pretérito imperfeito ou presente, de que a marca progressiva é distinguida por precedimento de *sa – ser*¹⁷². No crioulo caboverdiano *ká* tem apenas uma função de advérbio locativo.

Concluindo, também na morfologia há marcas no crioulo caboverdiano que referem à influência maior da língua portuguesa de que as línguas africanas, o que aumenta a especificidade do crioulo do Santome.

Por fim, o maior grau da influência das línguas africanas é reflectido principalmente no léxico, entretanto, já demonstrei que também na gramática os traços das línguas africanas predominam, comparando com o crioulo caboverdiano.

Para ilustrar que o crioulo caboverdiano é para um falante português mais compreensível já da primeira vista, escolhi um excerto de uma história¹⁷³ no crioulo caboverdiano e a sua versão no Santome, complementada pela tradução ao português.

A) Crioulo caboverdiano

Djoka Maninha, dipos d'uns anu na Sul, e ranja getu e ben tera mata sodadi p'e odja modi ki kusas sta. Familia fika pa tras. Asi si nisisidadi panha-l e ta susti-el so.

E txiga. Kabu ka staba sima e dexaba. Kusas nobu pa tudu banda. Pilorinhu fartu. Tera libri sen skrabatura ki fulia-l pa kosta baxu.

B) Crioulo do Santome

Djoka Maninha, ola ku ê pasa ua-ua anu ni sulu ê fe modu ê bi tela p'ê mata sôdaji p'ê pya modu kwa sa. Men ku mina d'ê fika ni tlaxi. So xi ê pasa mali sa ê ka gwent'e êê tan.

Ê xiga, xitu na tava mo ê des'ê fa. Kwá nóvu ni tudu janga. Fela xa lôlô. Tela livli, sê sklavatula ku mand' e ba maxi basu.

¹⁷² Holm, op. cit. p. 155.

¹⁷³ Todas as três versões são tiradas da mesma fonte: Pereira, op. cit. p.79.

C) Português

Joca Maninha, depois de uns anos no Sul [São Tomé], arranhou forma de vir à terra matar saudades, para ver como as coisas estavam. A família ficou para trás. Assim, se passasse necessidades, aguentava-as sozinho.

Chegou, o sítio não estava como ele o tinha deixado. Coisas novas por toda a parte. O mercado farto. A terra, livre, sem a escravatura que o tinha enviado pela Costa abaixo.

Conclusão

Antes de mais, a problemática linguística da ilha de São Tomé consiste no seu multilinguismo. As línguas que ocorrem hoje em dia na ilha são: o português como a língua oficial, o crioulo do Santome com o maior número dos falantes, o segundo crioulo Angolar e a Língua dos Tongas. Porém, como já mencionei, a parte principal desse trabalho faz a problemática do próprio crioulo do Santome.

Nesse trabalho chegámos à conclusão que o crioulo do Santome é mesmo um crioulo de base lexical portuguesa graças não só ao contexto socio-histórico, delineado no primeiro capítulo, mas também às características linguísticas, que partilha com as características linguísticas gerais de crioulo, trabalhado no terceiro capítulo.

Quanto à especificidade do crioulo do Santome, a sua especificidade consiste no grau do aportuguesamento do substrato africano que é entre os crioulos de base lexical portuguesa o maior. Podemos dizer que há duas razões chaves que causaram que a língua portuguesa perdeu a sua superioridade no crioulo do Santome.

Primeiro falamos sobre as condições geográficas, quer dizer uma distância longa que existe entre Portugal, anteriormente o país central do império e a ilha de São Tomé, a sua antiga colónia africana mais afastada. A distância tem limitado os contactos entre estas regiões, o que era mais crucial na fase do desenvolvimento da ilha e da formação não só da população, mas também da língua. Nesse sentido, os portugueses preferiram concentrar-se mais no desenvolvimento dos países africanos mais próximos e depois no Brasil que era rica nos recursos naturais. Aí, a ilha de São Tomé não tinha muito a oferecer. A viagem para a ilha demorou muito tempo e tomava muitas vezes a vida dos indivíduos fracos. Chegando à ilha, o clima tropical dificultou a vida dos colonos europeus. Portanto, a população portuguesa era deportada para a ilha pelo castigo (os judeus, os criminosos). Contudo, a única coisa em que a ilha era interessante era a cultura de cana-de-açúcar que com tempo ganhou a sua importância e que seduziu alguns comerciantes portugueses, mas principalmente causava uma transportação dos escravos.

A segunda razão é ligada com o contexto socio-histórico. Trata-se de um facto que os portugueses abandonaram a ilha na fase chave da formação de crioulo. Trata-se de meados do século XVII quando os portugueses ganharam a independência à Espanha e todos os recursos utilizaram para revitalizar o país continental. Assim descuidaram-se do seu império transatlântico, incluindo São Tomé. Porquanto a ilha já tinha tendo

problemas desde meados do século XVI (uma instabilidade social e política da ilha, os invasões dos holandeses e franceses), o desinteresse dos portugueses teve consequências fatais à língua. Pela partida da maioria dos portugueses da ilha para o Brasil junto com quase nenhum interesse do lado da Coroa Portuguesa, a língua portuguesa praticamente desapareceu da ilha para um século e nunca mais reganhou a sua influência em tanto tamanho que tinha tido. Por isso, as línguas africanas ganharam nesse período até uma predominância à língua portuguesa no crioulo do Santome e deixaram nele mais dos seus traços do que em outros crioulos de base lexical portuguesa. Esse facto também significou que o crioulo a partir de meado do século XVII ficou mais ou menos estável e já nenhum elemento linguístico estrangeiro o influenciou.

Pela comparação com o crioulo caboverdiano, que é considerado o mais próximo à língua portuguesa, chega a especificidade do Santome mais a frente. Apesar de partilharem alguns traços das línguas africanas, principalmente na gramática, é bem claro, que o crioulo do Santomé tem maior influência das línguas africanas sobretudo no seu léxico.

Por fim, a problemática do crioulo de Santome é muito diversa. Podemos ver os problemas sociais como é a identidade própria dos são-tomenses e como eles definem a sua língua; ou os problemas linguísticos, que contém os mistérios sobre as línguas de substrato e a sua parte no crioulo do Santome e há também falta dos documentos históricos para sabermos mais sobre a história socio-linguística da ilha de São Tomé. Hoje em dia há poucos estudos e matérias que estudam a problemática do crioulo de São Tomé, todavia, o interesse sobre o Santome tem a tendência crescida.

English summary

The Bachelor thesis proposed to outline the development of a Creole language of São Tomé and Príncipe and to find out its specificity. It was necessary to mention the socio-historical context, to which the first chapter is dedicated, the linguistic problems of the Creole language of São Tomé and Príncipe were elaborated in the third chapter. Both merge in the second chapter because it deals with the introduction to the current language situation, which dominates on the islands.

We discovered two existing fundamental historical events with respect to the socio-historical context in relation to the language, they enable the creation of the Creole language. There was the need to settle by Portuguese colonizers on the islands at first, which is virtually the discovery of São Tomé in 1471. Secondly not less important was the traffic with slaves who were brought to the islands from the various parts of Western-African coast. Those events allow the creation of the multilingual society on the islands and at the same time created the need to make oneself understood. The need of communication caused that in quite short space of time with a certain scale of spontaneity a contact language was created, the Creole language, which has the Portuguese as its basis.

As the first phase of Creole language is considered a language of pidgin, which is mainly based on the vocabulary and gestures. We do not speak about grammar in this phase as it is the most simple form of communication. The most important part was the vocabulary, two groups of languages were created: the Superstratum language, which provided the vocabulary to the Creole language and the substratum languages, which were the African languages found on the island. In concrete the Portuguese is considered as the Superstratum language and African languages are seen as the substratum languages. The language of Bantu and the language of Kikongo dominate in the substratum of Creole language of São Tomé, the languages of Kwa and mainly the Bini form the substratum of Angolar Creole, which is the second type of Creole existing on the island of São Tomé. In the case of Creole of São Tomé the pidgin language became the mother language of one community after 30 or 50 years of its existence. It systematizes itself and completes its vocabulary, also grammar and becomes the Creole. This process is called Creolization.

In respect to the linguistic point of view, I proved that the Creole of São Tomé shares the general linguistic features of Creole on the level of phonetics, morphology, lexico-

semantics and syntax. At the same time I also negated the fact that the Creole could be labelled as a dialect, with regard to our perception of this term. I refer to the fact that the inhabitants of São Tomé themselves designate their language as a dialect. Nevertheless it is only misunderstanding in this case, they do not perceive a dialect as we do, but as a language used for communication. It was proved by the comparison with the Cape Verdean Creole that the specificity of the Creole of São Tomé is based on the considerable influence of African substratum, it is the main difference from the other Creoles Portuguese-based, all this is caused by the socio- historical events.

Resumé v češtině

Tato bakalářská práce si kladla za cíl nastínit vývoj kreolštiny Svatého Tomáše a zjistit, v čem spočívá její specifická povaha. K tomu bylo zapotřebí nastínit sociálně-historický kontext, kterému je věnována první kapitola a lingvistickou problematiku kreolštiny Svatého Tomáše zpracovanou ve třetí kapitole. Ve druhé kapitole obě roviny splývají, neboť se jedná o představení aktuální jazykové situace, která na ostrově panuje.

Co se týká sociálně-historického kontextu ve vztahu k jazyku, zjistili jsme, že existují dvě základní historické okolnosti, které umožnily vznik kreolštiny. Za prvé jedná se o nutnost osídlení ostrova společně s osídlením portugalských kolonizátorů na ostrově, což je datováno prakticky od objevení Svatého Tomáše v roce 1471. A za druhé, neméně důležité je i obchodování s africkými otroky, kteří byli přivezeni na ostrov z různých částí západo-afrického pobřeží. Tyto události daly základ vzniku mnohojazyčné ostrovní společnosti a zároveň vytvořily nutnost dorozumět se mezi sebou. Nezbytnost schopnosti se dorozumět nakonec způsobila, že se v relativně krátkém časovém rozmezí s určitou mírou spontánnosti vytvořil kontaktní jazyk, tedy kreolština, jejímž základem se stal portugalský jazyk.

První fáze kreolštiny je pidžin jazyk, který se opírá především o slovní zásobu a gesta. V této fázi nehovoříme o gramatice, protože se jedná o tu nejjednodušší formu dorozumívání se. Jelikož to, na čem nejvíce záleželo, byla slovní zásoba, vznikly dvě skupiny jazyků: dominantní selekční jazyk, který "dal" slovní zásobu kreolštině a sekundární selekční jazyky, což byly africké jazyky, které se na ostrově vyskytovaly. Konkrétně za dominantní selekční jazyk je označována portugalština a za sekundární selekční jazyky jsou považovány africké jazyky, z nichž převládají jazyky Bantu, hlavně jazyk Kikongo, které tvoří africký substrát kreolštiny Svatého Tomáše a jazyky Kwa, především jazyk Bini, které tvoří africký substrát Angolarské kreolštiny, tedy druhé kreolštiny, která existuje na ostrově Svatého Tomáše.

Pidžin jazyk se po 30 až 50 letech své existence stává mateřským jazykem jedné komunity, jak je tomu v případě kreolštiny Svatého Tomáše, tento jazyk se systematizuje a zkompletuje slovní zásobu i gramatiku a postupně se stane se kreolštinou. Tento proces se pak nazývá kreolizace.

Co se týká lingvistického hlediska, dokázali jsme, že kreolština Svatého Tomáše sdílí všeobecné lingvistické rysy kreolštiny na rovině fonetiky, morfologie, lexikosémantiky

i syntaxi. Zároveň jsme tím popřeli fakt, že by existovala jakákoliv možnost označovat kreolštinu za dialekt s ohledem na to, jak my ho chápeme. Tím narážím na skutečnost, že samotní obyvatelé Svatého Tomáše označují svůj jazyk za dialekt. Nicméně v tomto případě se jedná o nedorozumění, protože nechápou pojem *dialekt*, jak ho chápeme my, ale jako jazyk, kterým se mluví.

Na základě porovnání kreolštiny Svatého Tomáše s kapverdskou kreolštinou jsem dokázala, že specifičnost kreolštiny Svatého Tomáše spočívá ve větší míře vlivu afrického substrátu, než-li tomu je u ostatních kreolštin vzniklých na základě portugalštiny, což je způsobeno právě sociálně-historickými událostmi.

Anotace

Jméno: Anna Janáčková

Název katedry a fakulty: Katedra romanistiky FF UP Olomouc

Název bakalářské práce: Vývoj a specifičnost kreolštiny Svatého Tomáše

Vedoucí bakalářské práce: Mgr. Petra Svobodová

Počet znaků: 105 198 (bez mezer)

Počet příloh: 4 (5 stran)

Počet titulů použité literatury: 18 (+ 13 internetových zdrojů)

Klíčová slova: kreolština, Svatý Tomáš, portugalština, africké jazyky, lingvistika, historie, africký substrát, pidžin jazyk, afričtí otroci, kontakt, vliv, vývoj, specifičnost

Krátká charakteristika:

Tématem bakalářské práce je vývoj a specifičnost kreolštiny Svatého Tomáše. První kapitola je věnovaná sociálně-historickému vývoji ostrova ve vztahu k jazyku od jeho objevení po současnost. Navazuje druhá kapitola, která představuje aktuální jazykovou situaci na ostrově Svatého Tomáše. Třetí kapitola se zabývá problematikou kreolštiny Svatého Tomáše na rovině lingvistické; obsahuje lingvistické důkazy, že se opravdu jedná o kreolštinu a zároveň se díky porovnání s kapverdskou kreolštinou potvrzuje specifičnost kreolštiny Svatého Tomáše.

Bibliografia

Fontes Primárias

Ferraz, L. I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press 2001.

Hagemeijer, T. *As Línguas de S. Tomé e Príncipe*. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola 1 2009, pp. 1-27.

Holm, J. *Pidgins and Creoles: Volume 1 – Theory and Structure*. Cambridge: Cambridge University Press 1988.

Klíma, J. *Stručná historie států – Kapverdské ostrovy, Svatý Tomáš a Princiův ostrov*. Praha: Libri 2008.

Pereira, D. *Crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Caminho 2007.

Fontes Secundárias

Araujo, G. A. *Empréstimos recentes do português, variação fonética e a sílaba na língua sãotomense da ilha de São Tomé*, p. 3. (tese) Acessível de <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/12/17-5>

Baxter, A. “*Semicreolization? – The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation.*” *Journal of Portuguese Linguistics* 1 2002, pp. 7-39.

Bickerton, D. *Dynamics of a creole system*. Cambridge: Cambridge University Press 1975.

Brásio, A. *Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental*. Lisbon, Agência Geral do Ultramar 1952.

Cunha, C. – Cintra, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18.^a ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa 2005.

Černý, J. *Úvod do studia jazyka*. Olomouc: Rubico 2008.

Gonçalves, R. *A preposição a no português oral de S. Tomé*, p. 1. (tese) Acessível de http://www.clul.ul.pt/files/rita_goncalves/A_preposio_a_no_portugus_oral_de_S._Tom.pdf

Mata, I. *Polifonias insulares. Cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Colibri 2010.

Mateus, M. – Carneira, E. *Norma e Variação*. Lisboa: Caminho 2007.

Pereira, D. *Crioulos de base portuguesa*. (artigo) Acessível de <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html>

Quint, N. *Línguas Crioulas num Contexto de Globalização - O caboverdiano: uma língua mundial*, p. 2. De <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/19/323>

Rougé, J.-L. *Les langues des Tonga*. In: Andrade, E. d' & Alain Kihm 1991. *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Colibri, pp. 171-176.

Smith, N. *An annotated list of creoles, pidgins, and mixed languages*. In Arends, J. et alii. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins 1994, pp. 331-374.

Fontes da Internet

www.eumed.net

pt.wikipedia.org

cvc.instituto-camoes.pt

stomep.com

stomepatrimonio.blogspot.com

www.ethnologue.com

www.kizomba.eu

www.ciberduvidas.pt

www.infopedia.pt

www.mojeafrika.cz

www.unicef.org

www2.mre.gov.br

sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa5/movimentos-na-historia

Anexo 1

Mapa de São Tomé e Príncipe¹⁷⁴



¹⁷⁴ De http://www.mojeafrika.cz/informace-zajimava-mista---sao-tome-a-principe-100023_100407_0 [cit. 28.6.2011]

Anexo 2

Mapa da África Ocidental¹⁷⁵



¹⁷⁵ De http://www.unicef.org/spanish/har2010/images/HAR10_Map_WCARO.jpg [cit. 28.6.2011]

Anexo 3

Mapa da África¹⁷⁶



¹⁷⁶ Acessível de <http://www2.mre.gov.br/deaf/deafgif/mapa.htm> [cit. 28.6.2011]

Anexo 4

Tabela das marcas de tempo e aspecto dos verbos – estativos/+ dinâmicos no Crioulo de Cabo Verde e Crioulo de São Tomé mostra as marcas preverbiais nos crioulos de base portuguesa: da Alta Guiné (Crioulo de Cabo Verde) e do Golfo da Guiné (Crioulo de São Tomé). Podemos ver algumas semelhanças remetidas à mesma base, mas também algumas diferenças que evocaram uma distribuição dos crioulos africanos de base portuguesa em dois variedades.

Tabela¹⁷⁷ das marcas de tempo e aspecto dos verbos – estativos/+ dinâmicos¹⁷⁸ no Crioulo de Cabo Verde e Crioulo de São Tomé

VERBOS	Crioulo de Cabo Verde	Crioulo de São Tomé
+ pontual, + acabado / não marcados	- kume = comeu (port.)	- lomosa = almoçou (port.)
+ pontual, + acabado / não marcados, tempo anterior	verbo + – BA	TA(VA) + verbo
– pontual, + actual / aspecto progressivo	S(A)TA ¹⁷⁹ + verbo	S(A)KA + verbo
aspecto progressivo, tempo anterior	TA + verbo + – BA	TAVA KA + verbo
– pontual, – actual / aspecto habitual	TA + verbo	KA + verbo
aspecto habitual, tempo anterior	TA + verbo + – BA	TAVA KA + verbo
aspecto completivo	verbo + – JA	verbo + – ZA

¹⁷⁷ Esta tabela junto com a sua complementação é feita de acordo com os dados publicados de John Holm (Idem, op. cit. p. 149), mas também das aulas de *Crioulos de base lexical portuguesa*.

¹⁷⁸ De acordo com Bickerton (Idem, op. cit.), o sistema verbal dos crioulos corresponde a dois tipos dos verbos: estativos e não estativos, respeito a tempo. Os verbos estativos referem a estado ou eventos mais do que a uma acção própria. Este sistema de distribuição dos verbos crioulos é também adaptado por crioulista Dulce Pereira.

¹⁷⁹ John Holm (Idem, op. cit. p. 149) diz, que o aspecto progressivo no crioulo caboverdiano é designado pela marca preverbal *ta*. Mas de acordo com Dulce Pereira, crioulista especializada ao crioulo caboverdiano, e as suas aulas junto com a minha própria experiência e um contacto com a comunidade crioula, hoje em dia é mais preferida a utilização da marca preverbal *sta* para designar o aspecto progressivo.

aspecto completivo, tempo anterior		
aspecto irreal	TA + verbo	KA + verbo
aspecto irreal, tempo anterior	TA + verbo + – BA	KA + verbo

Uma complementação a tabela 1:

Verbos + pontual, + acabado referem ao passado; não se implica nenhuma marca preverbal.

Verbos + pontual, + acabado no tempo anterior (pretérito mais-que-perfeito em port.) referem ao passado profundo.

Verbos – pontual, – actual referem à presente habitual, a uma ideia de futuro; é durativo, não é actualizado.

Verbos – pontual, + actual referem à presente progressiva; é duradoro e actualizado (agora).

O aspecto completivo indica que a acção foi acabada.

O aspecto irreal indica que a acção do verbo a seguir (ainda) não é uma parte da realidade. Utilizando só, representa futuro simples.

O aspecto irreal no tempo anterior pode representar condição ou conjuntivo.